

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**RENATA FERRARI PIETROPAOLO**

**MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO PERFIL DOS JOVENS**  
**ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO:**  
**UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**SÃO PAULO**

**2012**

MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO PERFIL DOS JOVENS  
ALUNOS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO:  
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Aluna: Renata Ferrari Pietropaolo

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Pontes  
Sposito

Monografia apresentada à Faculdade de  
Educação da Universidade de São Paulo  
como Trabalho de Conclusão do Curso de  
Pedagogia

Área de Concentração: Sociologia da  
Educação

## Resumo

Esse trabalho procurou investigar os jovens ingressantes na Universidade de São Paulo, por meio dos dados socioeconômicos dos mesmos, coletados junto à Fundação para o Vestibular (Fuvest) mediante uma série histórica que compreendeu os anos de 2000, 2005 e 2010. Ainda buscou a comparação com o perfil dos jovens inscritos nos mesmos anos. Portanto, trata-se fundamentalmente de um estudo quantitativo, de análise descritiva de dados já coletados sobre os ingressantes e inscritos, analisados sob a perspectiva juvenil. Procurou compreender mudanças e permanências do perfil desses jovens em relação a aspectos socioeconômicos nesse período de grande ampliação de vagas dessa universidade e criação de medidas de acesso e permanência na mesma.

Aos meus pais, tudo, sempre.

## Agradecimentos

À FAPESP, pelo financiamento a esse trabalho.

À Fuvest, em especial à Professora Doutora Maria Thereza Fraga Rocco e ao Renan Leite, estatístico que viabilizou esse trabalho, sendo o elo entre mim e o banco de dados.

À Professora Doutora Marília Pontes Sposito, orientadora desse trabalho, pela paciência, dedicação, exigência e atenção.

Ao Professor Doutor Ocimar Munhoz Alavarse e á Professora Doutora Fabiana Augusta Alves Jardim pela disposição de fazer parte da banca de avaliação desse trabalho.

Aos meus pais, Suzete e Edison, por tudo.

## **Sumário**

1 - Introdução.....	5
2 - O percurso metodológico .....	7
3 - Considerações acerca da categoria juventude .....	12
4- - Os estudos sobre jovens universitários no Brasil: algumas considerações.....	23
5 - Os estudos de jovens universitários da USP .....	30
6 - As medidas de expansão e de inclusão na USP nos últimos 10 anos.....	33
7 - O universo analisado: inscritos e ingressos.....	40
7.1- Breve apresentação.....	40
7.2- A USP inscritos e ingressantes: por que trabalhar com essas duas variáveis?....	41
8- O Perfil dos Jovens Ingressantes .....	56
8.1- Os Jovens Ingressantes na USP e sua escolaridade prévia .....	63
8.2 - Os Jovens Ingressantes na USP e o mundo do trabalho .....	75
9- Considerações Finais.....	86
Referências .....	90

## **1 - Introdução**

O projeto de pesquisa que orientou a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso na Faculdade de Educação deriva de Bolsa Iniciação Científica/FAPESP a partir de abril de 2011. O objetivo principal foi conhecer e analisar o perfil socioeconômico dos jovens ingressantes na Universidade de São Paulo, nos últimos dez anos. Tomando por base esse período de 10 anos, no qual se tem a expansão de vagas da USP, bem como a implementação de ações voltadas para a inclusão, dentre a autoras o Inclusp, tentou-se verificar, ainda de que modo exploratório, se ocorreram mudanças no perfil socioeconômico dos jovens ingressantes na Universidade de São Paulo, tornando sua população com uma configuração ainda mais heterogênea do que em momentos anteriores. A partir da observação de como se dá a relação dos mesmos com o mundo do trabalho, a escolaridade dos pais, a origem social, sexo e faixa etária tentar-se-á compreender que figuras estudantis estão sendo construídas e sua proximidade ou não com os estudantes de décadas anteriores, retratados tanto por Bourdieu e Passeron (1968) como por Foracchi (1965; 1972).

De modo mais próximo, os estudos recentes que, sob o ponto de vista qualitativo, apontam trajetórias bem sucedidas de jovens egressos de camadas populares foram desencadeadores da busca do atual perfil dos jovens da Universidade de São Paulo, realizados tanto nesta universidade como em outras instituições Assim, as questões que nortearam essa pesquisa, de modo mais específico, estiveram voltadas para investigar os possíveis os efeitos da expansão de vagas da Universidade de São Paulo, com a criação de novos campi e de programas de acesso e permanência na universidade. Eles têm tido impacto suficiente para recriar um novo perfil do jovem uspiano? Seria possível caracterizar de modo mais geral a presença de grupos sociais heterogêneos ou ainda jovens de grupos sociais não privilegiados seriam minorias e exceções no momento de

ingresso na universidade? Pode-se afirmar que os jovens ingressantes na Universidade de São Paulo nos últimos dez anos têm condições de usufruir de um tempo só para os estudos sem estar inserido no mercado de trabalho tal como os jovens estudados por Bourdieu e Passeron?

Dessa maneira, a questão que está posta nesse trabalho é de compreender as eventuais mudanças na composição do corpo discente da universidade e se é possível identificar algumas regularidades que constituam grupos sociais mais variados para além da dicotomia elites intelectuais e econômicas e setores populares, estes últimos constituídos como exceções em carreiras e cursos mais competitivos.

## 2 - O percurso metodológico

A partir da problemática elaborada optou-se por um procedimento essencialmente quantitativo e descritivo, uma vez que o estudo teria um caráter exploratório de modo a suscitar questões que poderão ser respondidas em estudos de maior fôlego, no interior da Pós-Graduação.

Gatti (2004) afirma que análises a partir de dados quantitativos, contextualizadas por perspectivas teóricas, subsidiam de maneira concreta as compreensões de fenômenos educacionais, indo além do senso comum e contribuindo para a produção e o enfrentamento de políticas educacionais, bem como para gestões e administrações da educação e ainda como orientadoras de ações pedagógicas. Gatti (op. cit., p.26) afirma ainda que:

“É inegável que, sem dados de natureza quantitativa, muitas questões sociais/educacionais não poderiam ser dimensionadas, equacionadas e compreendidas, e algumas não seriam nem mesmo levantadas. Cabe estar atentos também [...] que não se pode deixar de ter domínio desses condicionantes e [...] ainda não se pode deixar de trabalhar com apoio de sólido referencial teórico transcendendo a essas moldagens, permitindo a visão clara dos limites desses estudos”.

Gil (1999) coloca como fins de um trabalho exploratório descobrir novos enfoques sobre o tema, bem como aprofundar-se em conceitos preliminares que não foram contemplados de modo satisfatório. Muitas das conclusões de estudos realizados em décadas anteriores sobre universitários demandam a retomada a partir das novas situações educacionais vividas no Brasil, sobretudo aqueles estudos que trataram das universidades públicas como locais de maior absorção das elites e com fraca presença de setores mais heterogêneos da população.

Como afirma esse autor (1999) pelo estudo descritivo é possível conhecer uma determinada população ou algum fenômeno, ou, ainda, demonstrar relações entre as variáveis. Este trabalho, por meio de dados fornecidos pela Fuvest buscou descrever a população jovem que se inscreve e que ingressa na primeira chamada do vestibular da



USP, bem como investigar o perfil dessa população, privilegiando algumas variáveis como sexo, cor, escolaridade individual e familiar.

Não houve intenção de realizar tratamentos estatísticos sofisticados porque se trata de um primeiro esforço de utilização de procedimentos quantitativos e, também, devido ao tempo de realização da pesquisa, iniciada em abril de 2011. A única função estatística usada foi a porcentagem para que a comparação de universos diferentes se tornasse minimamente viável.

Os dados dessa pesquisa são oriundos das informações fornecidas pelos candidatos ao vestibular mediante preenchimento de questionário socioeconômico, obrigatório, no ato da inscrição para o exame vestibular.

Tinha-se como propósito para esse trabalho a análise do perfil socioeconômico dos jovens matriculados na Universidade de São Paulo no período compreendido entre os anos 2000 e 2010, tomando por base o período de 10 anos, no qual se tem a expansão de vagas da USP bem como a implementação do Inclusp, período no qual se considera possível mapear se ocorreram mudanças no perfil socioeconômico dos jovens ingressantes na Universidade de São Paulo, tornando sua configuração ainda mais heterogênea do que em momentos anteriores.

Após o levantamento de todos esses dados de expansão de vagas, entendeu-se que a análise dos dados dos ingressantes dos anos de 2000, 2005 e 2010 cumpria satisfatoriamente o planejado, pois poderia mediante comparações identificar eventuais diferenças. No entanto, qualquer afirmação de natureza mais conclusiva demandará novos estudos e procedimentos estatísticos mais sofisticados, o que foge do escopo deste estudo.

A partir de então, iniciou-se o resgate dos questionários sócio econômicos da Fuvest desses anos para ver se os mesmos contemplavam informações que pudessem atender aos objetivos inicialmente propostos. Um trabalho de cotejamento e comparação

dos questionários aplicados nesses anos selecionados foi então realizado. Os questionários propostos pela Fuvest sofrem alterações ao longo dos anos o que dificulta o exercício da comparação. Por essas razões, foram necessárias algumas adequações, adaptações e equiparações de questões para a possível comparação. Por outro lado, diante dos objetivos da pesquisa e do cronograma para a realização apenas algumas questões dos questionários foram selecionadas para o estudo. Assim, foram selecionadas e analisadas 13 questões do questionário da Fuvest 2000, e 14 questões das Fuvests 2005 e 2010. Essa diferença do número de questões decorre do fato de que uma importante questão sobre renda familiar aparecer somente nos anos de 2005 e 2010. É importante ressaltar que foram necessárias várias adequações quanto a análise de renda, não permitindo entendimento mais profundo e abrangente.

As questões selecionadas versam sobre renda familiar, escolaridade dos pais, trabalho, escolaridade prévia, sexo e cor. Foram analisados os dados dos inscritos no vestibular e dos ingressantes nos cursos da Universidade de São Paulo nos anos citados acima, em primeira chamada. Não foi possível obter os dados dos ingressantes das demais chamadas e eles não eram essenciais para a realização deste primeiro estudo.

Foram definidos outros recortes para sistematização e análise dos dados, juntamente com a orientadora e com um estatístico da própria Fuvest, cujos serviços foram colocados à disposição dessa pesquisa pela direção dessa Fundação, de modo a dar suporte e orientação na coleta e cruzamento de dados. Como o objetivo era entender a população universitária jovem, houve um recorte demográfico, em que o universo foi constituído por ingressantes e inscritos com a idade máxima de 25 anos. Como esse grupo pode recobrir heterogeneidade importante ele foi segmentado em: jovens até 18 anos; jovens com idade entre 19 e 21 anos; e jovens com idade entre 22 e 25 anos. Essa categorização foi uma adaptação do sistema que a Fuvest usa como classificação etária, a fim de que essa classificação já existente fosse viável nessa pesquisa.

A classificação da própria Fuvest citada acima separa os sujeitos em 8 grupos: indivíduos com menos de 17 anos, indivíduos entre 17 e 18 anos, entre 19 e 21 anos, indivíduos com idade entre 22 e 25 anos, e indivíduos com mais de 25 anos, fazendo com que o recorte mais preciso para se estudar os jovens nesse contexto fosse trabalhar com dados de pessoas até 25 anos o que se distancia dos estudos de feição demográfica que elencam a população jovem até 24 anos.

Inicialmente, havia se pensado em apenas duas categorias: abaixo de 25 anos e acima de 25 anos, para que se pudesse observar o comportamento e a participação dos jovens em relação com os adultos. Mas, a partir de uma reunião com o estatístico da própria Fuvest e alguns apontamentos da orientadora desse trabalho, percebeu-se que essa classificação mais fina poderia oferecer dados relevantes, como respostas a perguntas sobre as circunstâncias motivadoras do ingresso imediato ao ensino superior ou ao hiato entre ensino médio e ensino superior.

Usou-se aqui as faixas “menos de 17 anos” e “entre 17 e 18 anos” somadas em uma classificação denominada “até 18 anos” por entender que se trata de uma mesma referência: jovens que acabaram de concluir o ensino médio e estão tomando o ensino superior como uma continuação da etapa de escolarização básica, sem paradas ou intercorrências em seus estudos.

Os dados foram analisados segundo duas perspectivas principais: os dados como um todo, trabalhando com uma “população uspiana”. A seguir os dados foram trabalhados a partir dos locais (campus) em que a universidade se distribui e por período. Não houve possibilidades de estudos de carreiras, ou cursos, pois a complexidade e o volume de informações ultrapassariam os limites deste estudo preliminar. Dessa maneira, o conjunto dos dados foi agrupado em três eixos: o conjunto de cursos localizados no campus leste da cidade denominados USP-Leste; o conjunto de cursos situados no Butantã e no centro da cidade USP-SP e USP-interior

compreendendo o conjunto dos cursos situados no interior do estado – Bauru, São Carlos, Lorena, Piracicaba, Pirassununga e Ribeirão Preto. Isso porque, como se pode apreender do capítulo sobre a Universidade de São Paulo, o maior número de vagas abertas estão nos campi do interior e nesse novo campus da zona leste da capital, trazendo questionamentos sobre em que medida as ampliações carregaram o sentido de ampliação de uma universidade já existente, ou seja, atendendo mesmo tipo de estudante, e em que medida essa ampliação favoreceu a heterogeneidade desse corpo discente.

O cruzamento por período foi útil para verificar eventuais diferenças da população uma vez que tradicionalmente os cursos superiores noturnos agregam estudantes mais velhos e oriundos de segmentos menos privilegiados da população.

A Fuvest, embora tenha contribuição fundamental para realização desse trabalho, não permitiu o acesso aos dados brutos, disponibilizando os cruzamentos conforme solicitado, por meio de um estatístico. Isso inviabilizou algumas análises, cruzamentos de variáveis, tendo em vista a logística necessária para que pudessem ser realizados. No anexo podem ser encontradas as questões que foram selecionadas para análise nos questionários dos anos selecionados.

No entanto, faz-se necessário esclarecer que embora a Fuvest tenha disponibilizado os cruzamentos, toda análise e todo o tratamento de dados para que uma análise fosse possível foi feita pela autora desse trabalho, uma vez que foram disponibilizados apenas os dados brutos fruto de cruzamento das questões por idade, campus e período separados por ano. Há um exemplo dos dados recebidos em anexo.

### 3 - Considerações acerca da categoria juventude

A juventude poderia ser encarada apenas como um grupo etário e então estaria se constituindo uma categoria universal, já que há pessoas de todas as idades em todas as sociedades. No entanto, diferenças socioeconômicas, culturais, sexuais e étnicas talvez colocassem um impedimento para compreensão. Há sociedades em que a passagem da infância para a idade adulta é bem rápida e bem delimitada, não sendo necessário um “meio-termo”. Assim, há sociedades com pessoas mais idosas que biologicamente podem ser caracterizadas como jovens mas necessariamente não há jovens no sentido cultural e social. O mesmo acontece com a infância e a adultez. Carrano (2000), quando fala sobre a juventude, assim como Postman (1999), em seu livro *O desaparecimento da infância*, mostram que essas etapas de vida resultam da construção histórica de cada agrupamento humano e, portanto, são objeto de uma construção social em parte determinada pela situação social na qual se encontram.

De modo pioneiro, Mannheim (1968) pontuou que o significado social dado a juventude não será sempre o mesmo em todos os tempos e espaços, uma vez que o prestígio dos jovens e dos velhos varia de sociedade para sociedade. E no interior de cada formação societária há diferenças, pois os jovens podem estar ou não integrados em grupos ou em movimentos e apresentar diferentes potencialidades de influência nos acontecimentos. Assim, essa energia revitalizadora, latente ou manifesta, também não seria, *a priori*, progressista ou reacionária.

Lenoir (1996) observa que se a idade cronológica e as divisões que se tornam possíveis através da autora podem ser consideradas construções sociais, as categorias que a autora permite distinguir não chegam a formar grupos sociais. Ele afirma que as divisões “aritméticas” da escala das idades podem se tornar “categorias nominais”, como velho, jovem ou adolescentes, sem que esses termos sirvam para designar grupos sociais definidos, uma vez que tais grupos não podem ter consciência de si, já que, por

definição, os indivíduos limitam-se a passar por essas fases, e, a não ser que o intervalo seja ampliado, tais grupos não poderiam ser definidos em termos de idade. É de acordo com a época que as instituições e a composição da população adquirem maior ou menor importância. Nesse sentido a juventude, a idade adulta e a velhice são definidas de formas diferentes, ou seja, não é possível tratar da idade dos indivíduos como uma característica independente do contexto no qual a autora se insere.

Eisenstadt(2008) afirma que as definições etárias não são específicas, mas simples expressões que definem um estágio da vida como os jovens e vigorosos guerreiros de uma tribo primitiva ou sábios anciãos. Assim, toda definição cultural de uma faixa etária é sempre uma ampla definição de potencialidade e obrigações humanas numa dada fase da vida. Assim, diante da avaliação do significado e da importância de uma idade para o indivíduo e para a sociedade, a conotação dada é simbólica e cultural, já que contém certas expectativas definidas de atividades e relacionamentos futuros, mapeando, contornando a vida humana, e integrando os graus etários, desenrolando-se gradualmente como uma série de contrastes e opostos, continuidades e complementaridades, levando-se em consideração o conjunto das possibilidades humanas e o fato do indivíduo ter que passar por a autoras.

Esse autor também aponta que cada grau etário é definido diferentemente para cada sexo, levando-se em consideração que perante a sociedade a identidade e a imagem sexual são elementos básicos de identificação sendo portanto diversas as exigências da socialização e do aprendizado.

Eisenstadt(2008) coloca que em todas as sociedades há alguma definição de “homem adulto” ou membro pleno da sociedade, adentrando aos primeiros estágios do período da faixa adulta, coincidindo com o período de transição da família de orientação para a procriação, definindo a recepção e transmissão da tradição cultural, de filho para pai, com a maturidade sexual legítima com o direito de constituir família.

Para o autor, tanto nos grupos etariamente homogêneos quanto nos heterogêneos os sujeitos são categorizados com base em distinções etárias (semelhanças ou diferenças) e sua orientação mútua é baseada em critérios de qualidade e não de realização. Nas relações baseadas na heterogeneidade de idade, a orientação mútua dos sujeitos é regida por suas idades relativas e posições ocupadas no ciclo de vida (como, por exemplo, nos sistemas de parentesco). Já nas relações baseadas na homogeneidade, a idade relativa e diferença de idade são menos valorizadas, tomando como referência real a experiência comum a idades similares, ocupando uma posição absoluta na escala de gradação etária. Assim, nesse segundo tipo, as relações etárias são muito mais inclusivas e as posições de inferioridade e superioridade são menos acentuadas e a organização interna é mais aberta a orientações e arranjos universalistas.

Constata-se a presença de pessoas nas sociedades ocidentais contemporâneas comumente denominadas como jovens, no entanto, sob o mesmo ponto de vista dos autores acima citados não constituem uma classe social ou grupo homogêneo como muitas análises permitem intuir: os jovens compõem grupos sociais com características continuamente flutuantes (CARRANO, 2000, p.12). No entanto, esse autor estabelece no interior da categoria juvenil algumas similitudes tal como pautadas por Eisenstadt, sem propor qualquer rigidez quanto as idades mínimas e máximas para os indivíduos que pertencem a esse grupo. Os critérios demográficos são provisórios e dependem das condições sociais e das conjunturas políticas em torno de uma categoria – juventude – que sob o ponto de vista epistemológico é imprecisa (SPOSITO, 1997). Alguns organismos internacionais, como a ONU e o Banco Mundial consideram o grupo etário de 15 a 24 anos como jovens, mas recentemente, no Brasil, os recentes debates em torno das políticas de juventude já apontam o alongamento no limite superior para 29

anos. A PEC/Juventude<sup>1</sup> aprovada pelo Congresso Nacional em setembro de 2010 já estabelece que a juventude compreende a faixa de idade de 16 a 29 anos.

Carrano(2000) observa que as estatísticas oficiais em países desenvolvidos costumavam definir o jovem como os indivíduos que já tinham superado a idade da escolaridade básica e ainda não estavam colocados no mercado de trabalho. No Brasil, a entrada no mercado de trabalho não estabelece um limite para a definição dessa categoria. Muitos ingressam no mercado antes de finalizar sua escolaridade (SPOSITO, 2005).

Essa delimitação pouco precisa deve-se ao fato de que a juventude não é apenas um fenômeno biológico, mas, também, um processo que constitui uma vida social diferenciada com características próprias e diversas de formas de relacionamento, linguagem, regras e comportamento que poderão resultar na formação de identidades (CARRANO, 2000).

Essas formas de relacionamento e comportamento, adicionadas a ideia de estilo, entre os jovens foi exaustivamente abordada pela Escola de Birmingham, através dos estudos das subculturas. Esses intelectuais vão interpretar os estilos e os símbolos utilizados pelos jovens contemporâneos, denominando essas práticas de resistência, a fim de tentar entender os filhos dos trabalhadores em um momento de mudanças importantes na classe operária inglesa. Os estudiosos ligados a essa Escola vão, assim, tentar examinar a teoria de Marx sob a ótica cultural, privilegiando os aspectos culturais das relações sociais. As maiores contribuições desses estudos nessa primeira

---

<sup>1</sup> PEC/Juventude ou Proposta de Emenda Constitucional 42/2008, sendo aprovada sob o nome de Emenda Constitucional nº 65, no dia 13 de julho de 2010 adiciona o termo “juventude” no capítulo sobre Direitos e Constituições Fundamentais da Constituição Federal, alterando a denominação do Capítulo VII do Título VIII anteriormente com o texto de “ Da Família, da Criança, do Adolescente e do Idoso” para “Da família, da criança, do adolescente, do jovem e do idoso” e modificando o artigo 227, dessa Constituição, adicionando à família e ao estado o dever de assegurar ao jovem também tudo que já se assegurava à criança e ao adolescente. (Conselho Nacional de Juventude, 2009; Emenda Constitucional nº 65, 2010)



foram as pesquisas ligadas ao engajamento dos jovens em seus grupo e o fato de relacionarem a cultura com o poder.

Um dos destaques dessa escola foi Stuart Hall, que pensa o jovem como expoente e representante da mudança que se observa na sociedade e utiliza o termo subcultura como algo produzido em culturas subordinadas, definido por idade e geração (os conflitos geracionais seriam o combustível para a criação de subculturas). Ele defende a ideia de que o modo de vida produz a cultura e que as culturas juvenis são diretamente afetadas pela condição de classe e pelos conflitos geracionais decorrentes das mudanças que se observaram no modo de vida da classe trabalhadora no pós-guerra (HALL et ALL, 2006).

Embora com outra ancoragem teórica e em período anterior, a Escola de Chicago tinha preocupações parecidas com o grupo de Birmingham. Só que entendia essas manifestações juvenis em seus estudos como algo ligado ao desvio e a delinquência em decorrência dos acelerados processos de urbanização que provocaram mudanças repentinas nos modos de vida dos segmentos trabalhadores. O estudo de gangues na cidade de Chicago permite a aproximação com os temas da juventude. Anos após, na tradição da Escola de Chicago, o célebre estudo de William Foote Whyte (2005) com a obra “Sociedade de esquina”, investiga a juventude urbana de periferia dos anos de 1940 em Boston, percebendo o modo de vida da juventude, bem como a maneira que se dava a transição para a vida adulta na relação com grupos de outras idades. Nesse livro, o autor faz também uma comparação entre o modo de vida dos “jovens de esquina” e dos “jovens universitários” da comunidade estudada, observando que estes últimos constituíam uma minoria muito mais voltada para a ideia de ascensão social do que os outros jovens estudados, pois enfatizariam em suas condutas o desempenho individual no contexto escolar. O autor apontava que nesse período a relação com o consumo já era

diferente, uma vez que o dinheiro é tomado numa perspectiva muito mais futura e de investimentos.

Nesse trabalho, Whyte já fez alguma incursão nos estudos sobre a condição juvenil sob o papel que mais o circunscreve na sociedade ocidental, ou seja, na categoria de estudante . Nos EUA, a partir dos anos 1950, Talcott Parsons dedicou-se ao tema dos jovens estudantes do ensino médio, os célebres “teenagers”, sendo retomada essa ótica por Coleman (1960), que de fato buscou compreender a sociedade adolescente a partir dos jovens das *high school* norte-americanas.

Parsons(1968), estudando as culturas juvenis nos Estados Unidos, afirma que a função da socialização pode ser sintetizada como sendo o desenvolvimento de responsabilidades e capacidades nos indivíduos. Ele observa que ao mesmo tempo em que a classe socioeconômica é considerada como um agente de socialização primário, a partir do qual serão desenvolvidas as responsabilidades e as capacidades, por outro é um agente de atribuição da “energia humana”, do ponto de vista da sociedade. Ele pontua a existência de uma forte correlação entre o nível de status de um indivíduo na sociedade e o seu nível de educação escolar.

Parsons verifica, ainda, que o processo seletivo é naturalmente classificador de grupos e que fatores de origem, bem como realização individual influenciam o resultado. Nesse caso, o fator de origem é o status socioeconômico da família da criança, e a base da sua oportunidade de realização é a habilidade individual.

Existe um critério de seleção quase uniforme, que opera para diferenciar aqueles que são universitários dos que não são, e que para um setor muito importante do grupo de idade a operação desse critério não é apenas uma “tarefa ilusória”, ou seja, não é simplesmente um meio de afirmar um status de origem previamente determinado. É certo que o menino de uma classe econômica alta e com muitas habilidades tem grandes chances de ingressar na universidade, assim como o menino de classe baixa e com

pouca habilidade não tem as mesmas possibilidades. Porém, segundo o autor, o grupo para qual não coincidiriam esses fatores é considerado de grande importância para a investigação.

Coleman (2008), em “A sociedade adolescente” apresenta uma pesquisa feita com a juventude adolescente onde ele tenta encontrar indícios de uma cultura própria desse grupo. Segundo ele, a educação da juventude é a segunda tarefa mais importante de uma sociedade, sendo a primeira a capacidade de se organizar coletivamente.

Ele coloca que o objetivo final de uma sociedade rural perante a educação é reproduzir-se a si mesma, ou seja, transmitir aos jovens os hábitos, costumes, crenças e habilidades de seus pais. Nessa sociedade estável a educação é uma tarefa simples que acontece através de um processo natural onde os pais ensinam seus filhos. Porém em uma sociedade industrial, a educação torna-se uma tarefa mais distinta e complexa, e o principal motivo disso está na acelerada velocidade com que ocorrem as mudanças, inclusive no âmbito dos ofícios, sendo esses também muitas vezes específicos o suficiente para não possibilitar a transmissão através das gerações a partir da condição de aprendiz. Ao mesmo tempo existe um leque enorme de opções de ofícios a serem realizados pelo jovem e não há uma certeza desde a infância sobre qual caminho será seguido.

Coleman observa que uma das consequências dessa alta especialização nos ofícios é a segregação das idades e um período maior de “treinamento” do jovem. Os jovens em idade preparatória, devido à essa segregação, passam a estar separados do resto da sociedade, sendo obrigados a passar sua vida social quase unicamente com outros de sua mesma idade, formando uma micro-sociedade, com linguagens próprias, e sistemas de valores que podem diferir dos adultos, formando apenas umas poucas ligações com a sociedade adulta exterior.

Coleman também observa que na época do estudo muitos pais sentiam que seus filhos se encontravam em um “mundo à parte”, especialmente os que viviam em grandes cidades e muitos dos filhos não pretendiam seguir as mesmas profissões dos pais. Já esses jovens que participavam do estudo de Coleman manifestavam a ideia de que ser querido e aceito pelos colegas da escola como algo preferível a deixar seus pais orgulhosos ou a aprender o máximo possível na escola. O autor considerou essa conduta uma evidência da existência de uma subcultura juvenil, ou seja, alguns valores próprios sendo formados no universo juvenil. Assim qualquer jovem estudante poderia alcançar a popularidade se possuísse as características determinadas por essa cultura, desenhada por esses valores. O problema encontrado por Coleman estava no fato de que as características valorizadas por esses jovens não eram completamente partilhadas pela sociedade adulta, e por isso o autor temia que em algum momento esses valores entrassem em conflito com a sociedade dominante. Por essas razões encarou essa cultura juvenil como algo não saudável pautado por valores superficiais e hedonistas.

Já Bourdieu e Passeron (1968) analisaram o comportamento dos jovens estudantes de universidades parisienses na década de 1960 num contexto onde se tinha 200.000 estudantes matriculados na educação superior, sendo que na região sul da França, mais de 50% da população entre 19 e 24 anos estava matriculada na universidade. A maioria desses estudantes universitários franceses era proveniente de famílias ligadas à direção de indústrias e ao comércio próprio (18%), de famílias de profissionais liberais, professores de ensino secundário e superior e funcionários públicos de altos cargos (29,7%) e das classes médias (18,4% proveniente de família de professores primários, cargos intermediários de empresas privadas e cargos intermediários dos serviços públicos). No outro extremo, apenas 3% provinham da classe operária, 5% da zona rural – agricultores e fazendeiros – e 11,5% de famílias de empregados de baixos níveis (UNESCO,1965).

Uma das conclusões de Bourdieu e Passeron volta-se para ideia de moratória social dada ao estudante francês durante a vida universitária. O calendário que esses jovens seguiam se relacionava com o ciclo de estudos: a efervescência da volta às aulas, o clima febril das vésperas de prova e o longo período tranquilo intermediário. Fora dessas limitações, não havia datas e horários. A condição estudantil permitia quebrar os padrões temporais da vida social ou mudar a ordem dos mesmos. Permitia enfraquecer as oposições entre dever e lazer e todas as outras que organizam a vida, misturando a discussão regrada e orientada com uma conversa, a cultura livre com a imposta, o exercício escolar e a obra pessoal, etc. Por mais superficiais que fossem, essas mudanças seriam liberdades que atestariam a condição de estudante.

Eles verificavam que o meio estudantil estava desintegrado no início da década de 1960. A ausência de estereótipos recíprocos ou de relações de brincadeira testemunharia a falta de consciência de classe e a raridade de contatos e de relações. Entre os estudantes mais assíduos ainda haveria trocas, mas estas não chegariam a ter continuidade ou consistência como daqueles de uma escolaridade anterior ou dos que estão baseados em laços sociais exteriores. Os intercâmbios mais seguidos e mais consistentes seriam aqueles convenientes aos estudantes de classe alta, já que estariam mais à vontade no meio universitário e porque teriam sido educados em meio às técnicas de sociabilidade apropriadas a esse meio.

Os comportamentos que relacionaram aos estudantes eram principalmente comportamentos simbólicos pelos quais o aluno testemunhava diante de si e dos outros sua aptidão a ser o autor de uma imagem original do estudante. O grau de adesão ao meio intelectual e aos seus valores tinha muita relação com o nível social e por isso os burgueses conseguiriam se sair melhor na universidade, mas não quer dizer que um não burguês não poderia ter sucesso.

Assim, a moratória social dada ao estudante francês durante a vida universitária permitia que eles seguissem um calendário próprio, relacionado com o ciclo de estudos, e sua condição estudantil possibilitaria uma quebra dos padrões temporais da vida social ou a mudança da ordem dos mesmos, a partir de enfraquecimento de oposições entre dever e lazer e todas as outras que organizam a vida, misturando a discussão regrada e orientada com uma conversa, a cultura livre com a imposta, o exercício escolar e a obra pessoal. Por mais superficiais que fossem essas mudanças, são liberdades que atestam a condição de estudante.

Os autores observaram que as tradições que integravam o meio estudantil eram bem definidas na época em que a população estudantil representava um grupo etário e em que os estudos representavam aos jovens privilegiados uma passagem ritualmente dirigida a uma carreira burguesa de sucesso, mas já não acontecia isso no momento do estudo. Embora as faculdades de direito e medicina, ainda serem mais burguesas, e por darem ingresso às profissões mais tradicionais, no momento do estudo eles puderam perceber que haviam dos rituais de corporação, mas atentaram para o fato de que não se podia dizer que o típico estudante está nessas duas faculdades, já que representam a minoria dos universitários.

Bourdieu e Passeron perceberam que os intercâmbios mais seguidos e mais consistentes são os que convêm aos estudantes de classe alta, já que estão mais a vontade no meio universitário e porque foram educados em meio às técnicas de sociabilidade que convêm a esse meio.

Essa segregação aliada à ideia de preparação para a vida constitui, para muitos autores, o período da moratória juvenil. No Brasil, os pesquisadores que se voltaram para o tema da juventude criticaram essa noção, pois tanto sob o ponto de vista de sua inserção no mundo do trabalho e no debate público político, os jovens no Brasil não

podem ser considerados como segmentos que viveriam essa reclusão (SPOSITO, 2005; ABRAMO, 2005).

Bourdieu e Passeron afirmaram que a sociologia de um grupo cujos membros têm em comum apenas a prática universitária e são muito diferentes entre si e até nessa prática torna-se um caso particular da sociologia das desigualdades sociais diante da escola e da cultura transmitida por a autora. Eles interpretaram os comportamentos que são relacionados aos estudantes como principalmente comportamentos simbólicos pelos quais o aluno testemunha diante de si e dos outros sua aptidão a ser o autor de uma imagem original do estudante.

Para os autores, naquele momento a universidade francesa ainda permanecia, pelo menos entre o corpo discente, um grande propagador da cultura mais tradicional, mas também indiretamente dos conteúdos culturais menos ortodoxos. Apesar de muitos alunos tentarem provar o contrário, a universidade ainda conseguia suscitar nos alunos a necessidade de produtos que ele dispensa.

Outra constatação importante dessa pesquisa foi que o grau de adesão ao meio intelectual e aos seus valores tem muita relação com o nível social e por isso os burgueses conseguiam se sair melhor na universidade, mas não quer dizer que um não burguês não tivesse sucesso, ele poderia ter ou não ter.

#### **4- - Os estudos sobre jovens universitários no Brasil: algumas considerações**

No Brasil, os estudos de Marialice Foracchi (1965; 1972) constituem referência fundamental não só para a compreensão da vida universitária neste período, mas também, pelo rigor que procurou imprimir às suas análises por meio de apoios teóricos consistentes.

No momento em que os primeiros estudos dessa autora foram realizados, havia 93.202 matriculados no ensino superior, e 0,72% da população em idade escolar chegava à universidade no Brasil (UNESCO, 1965).

Para entender os segmentos jovens na sociedade moderna, a autora faz um recorte, elegendo o estudante universitário e o movimento estudantil.

Nos seus estudos, Foracchi baseou sua análise na noção de classe, por entender as relações de classe como representações objetivas dos padrões de pensamento e de experiências intrínsecos ao modo de conviver na chamada sociedade moderna (FORACCHI, 1965, p. 66).

Entre os jovens estudados por a autora, uma das principais funções dos pais era a de provedor, uma vez que sempre que possível, isto é, sempre que os recursos permitiam, os jovens eram sustentados por sua família pelo período em que estivessem estudando. Embora ocorresse uma forte dependência econômica, isso não era alvo de preocupação, era visto como algo natural, parte das obrigações familiares. Não havia na realidade uma gratuidade nisso, já que era imbuído nos jovens uma expectativa de sucesso e conquistas futuras por parte da família, de modo que se observava uma atribuição ao jovem do papel de manutenção ou ascensão social.

Segundo a própria autora:

“somente os estudantes totalmente mantidos pelos pais e desligados de qualquer preocupação imediata com seu próprio sustento podem reconhecer-se livres para empreender uma ‘atuação de ensaio’” que lhes permita vôos novos. Se comparada à dos jovens não-estudantes, essa situação de manutenção constitui um privilégio. Entretanto, o compromisso familiar de mantê-lo como estudante



provoca a obrigação correspondente de [o jovem] sentir-se vinculado e de agir de acordo com as expectativas formadas” (cf. *Idem*, cap. 1).

Assim, do mesmo modo que por Bourdieu e Passeron, a condição de só estudante permitia ao jovem experiências únicas de vivência dessa juventude. No entanto, essa dependência e expectativa dos pais faziam com que eles se sentissem tolhidos e com uma obrigação de corresponder a essa expectativa.

Sobre essas expectativas, Foracchi ainda observou que:

“O jovem é um ser em formação, cujo destino depende de um jogo incerto de fatores. Tanto quanto possível, a família coordena esse jogo, incubando, no presente, condições que só se configurarão no futuro. Por isso, suas expectativas, no que concerne ao jovem, se intercalam entre esses dois amplos momentos de realização pessoal, sem deixar de inculcar no imaturo uma filosofia prática de vida, cujo imperativo fundamental é: *ser alguém*. Percebe-se, assim, que as expectativas de retribuição, mesmo quando colocadas nesses termos, não são simplesmente deslocadas para o futuro. Apresentam, pelo contrário, a singularidade de redefinir-se nesses dois planos temporais, fazendo com que, progressivamente, um se resolva no outro” (*Idem*, p. 38).

Já para o estudante trabalhador, além de não haver a dependência financeira, muitas vezes é o próprio jovem que ajuda sua família. Não podendo contar com o sustento pela família, o jovem estudante trabalhador estudado por Foracchi não trabalhava por escolha, por vontade própria, mas por necessidade. Como a autora própria coloca: “o trabalho, tal como aqui transparece, não se reveste de qualquer sentido claro de emancipação” (*Idem*, p. 48).

A autora observava ainda que, para o estudante trabalhador que ajuda no sustento da família, “o trabalho mantém os vínculos entre o estudante e a família” (*Idem*, p. 49). Dessa maneira, os jovens com esse perfil ficariam mais distantes da possibilidade de se dedicar integralmente para a carreira escolhida e de contatos com atividades políticas e culturais mais intensas.

Foracchi interpreta então que “os fatores que definem as condições de ajustamento do jovem ao adulto não se esgotam na esfera das relações interpessoais, mas são produzidos pela dinâmica da constituição do sistema global” (*idem*, p. 11).

Nos últimos anos os estudos de jovens universitários no Brasil têm se voltado para o grupo cujas habilidades e fatores socioeconômicos não coincidem com o perfil dominante das desigualdades no interior do ensino superior, denominando-os como exceção: são os jovens cotistas, os jovens universitários oriundos de meios desfavoráveis a esse sucesso. Buscam entender como desenvolvem suas relações no interior da universidade, visto que não se enquadram num estereótipo de estudante padrão que teria mais chances de obter sucesso.

Isso se deve a constatações como de Zago (2006), por exemplo, que observa na década de 1990, no Brasil, o número de estudantes no ensino superior brasileiro cresceu 76,2%, mas essa grande expansão se deu no setor privado. Ainda segundo a autora, no entanto, as universidades públicas são as mais procuradas pela população devido à gratuidade e à reputação da qual gozam enquanto modelo de excelência na produção e difusão do conhecimento. A autora ainda pontua que esse aumento de estudantes matriculados não foi acompanhado por uma efetiva democratização das matrículas, permanecendo como elitizado o ensino superior.

Gomes e Morais (2009) ajudam no entendimento desse contexto. Valendo-se de Trown (2005, apud Gomes e Morais, 2009 ) explicam que ao se falar de um sistema educacional de elite, fala-se de um sistema que atende até 15% do grupo etário relevante (de jovens entre 18 a 24 anos), sendo que o acesso a essa educação se fez fundamentalmente com base na classe social dos estudantes, portanto tem uma relação com o nascimento e é um privilégio social associado aos mecanismos meritocráticos provenientes da escolarização básica e fruto da seleção social.

Com base nesse mesmo autor, Gomes e Morais ainda definem o sistema de massa como algo que atende entre 16 e 50% do grupo relevante, (no caso do ensino superior, a população que acabou de se formar no ensino médio, ou seja, entre 18 e 24 anos), e sendo algo que superou completamente o sistema de elites quando admite mais de 30%

do grupo relevante. Quando ultrapassa os 50%, e passa a ser uma “obrigação” para as classes médias e altas, tem-se um sistema universal.

Segundo esses autores, o sistema de ensino superior brasileiro atinge o patamar de 16% das matrículas de estudantes entre 18 e 24 anos em 2003, sendo considerado a partir desse ano um sistema em transição – de elitizado para massificado. Mas, como Zago colocou sobre a década de 1990, na década seguinte permanece: o maior número de vagas do ensino superior consiste na rede privada.

Assim, essa questão voltou a ser um importante tema de pesquisas, como a de Braga e Peixoto (2001), que apontam em um estudo feito na UFMG alguns pontos que acreditam não serem específicos da UFMG, mas ilustram processos mais abrangentes. Evidenciam um grande crescimento de demanda por ensino superior por parte da população que realizou seus estudos de ensino médio na rede pública e pertence a famílias de baixo poder aquisitivo, além do aumento da procura da universidade pública por parte de estudantes provenientes de famílias com elevado poder aquisitivo, tendo como consequência uma menor percentagem de candidatos oriundos de famílias com situação socioeconômica mediana.

Portes (2001) se volta para o estudo de “casos improváveis na universidade”, ou seja, ele se ocupa de analisar e descrever o jovem pobre nessa instituição. Realizando seu estudo na Universidade Federal de Minas Gerais, ele estuda o histórico escolar de cinco estudantes de diferentes carreiras nessa universidade, com o apoio de algumas entrevistas desses jovens de maneira que pudessem reconstituir suas biografias escolares.

Segundo ele, a condição econômica do estudante pobre é algo que exerce grande influência e dificulta sua permanência na universidade. Ele observa que os jovens pobres se formam com idades mais avançadas que os mais favorecidos.

Ele vê a presença familiar na escolarização dos filhos como algo determinante em todos os casos estudados, sem que houvesse a cobrança de um sucesso escolar, mas uma presença contínua, um esforço permanente de inculcação de valores no que tem alguma relação direta ou indireta com o trabalho escolar e de sua continuidade. Embora considere que seja uma presença diferente da realizada pelas classes médias, onde isso perpassa na escolha de estabelecimentos, exposição a ambientes culturais, etc; uma vez que essas ações requerem tipos de capital que essas famílias não tem - o capital cultural e mesmo o capital econômico.

O autor notou nessas trajetórias de sucesso algum esforço materno para que o filho não exercesse atividade remunerada antes que o jovem concluísse a educação básica, pois essas mães entendiam o trabalho nessa etapa como algo que prejudicaria o futuro dos filhos, embora essa atitude gere um conflito entre as necessidades materiais da família e do próprio jovem, que enxerga no trabalho uma obrigação, no sentido moral, de existir e de se permitir existir.

Gomes (2005), a partir de entrevista com 23 estudantes do Curso de Pedagogia de uma faculdade particular do Rio de Janeiro, oriundos de famílias sem tradição estudantil, conclui pela existência de uma mobilidade ascendente, ou seja, criação de trajetórias próprias para além das questões de herança propostas por Bourdieu e Passeron (1964).

Carvalho (2004) optou por estudar os jovens de classe média alta. A autora, na tentativa de entender a relação com a escola desses jovens na sociedade brasileira realizando uma pesquisa qualitativa com os jovens estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Tendo como aportes teóricos os conceitos de Bourdieu como capital cultural, capital social e *habitus*, e a relação social com o saber de Charlot, a autora conclui que para essa camada social o ensino médio é uma etapa a ser cumprida única e exclusivamente para permitir o acesso ao ensino superior, de tal modo

que, fracasso escolar e desinteresse são burlados por mecanismos como supletivos, cursinhos pré-vestibulares, capital cultural familiar, escolas com proposta voltada apenas para a aprovação nos exames.

Medeiros (2005) que buscou, através da pesquisa com estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, analisar a relação que o jovem estabelecia entre a escola de origem e a entrada na universidade e a relação que havia entre o perfil de um novo aluno, oriundo de camadas mais populares, e a universidade. Ele coloca que a maior parte dos alunos aprovados pelo vestibular dessa instituição eram oriundos de escola particular, mas atribui a entrada na universidade não só ao tipo de instituição de ensino, mas ao capital cultural de crianças e jovens oriundos das classes privilegiadas não presente nas crianças e jovens oriundos das classes populares. Segundo esse autor, o capital cultural influencia os alunos a continuarem ou não seus estudos. Influencia também na escolha de cursos mais prestigiados socialmente, aliado a valores adquiridos por esses jovens por meio da socialização. Ele percebe pelo discurso dos jovens pesquisados que enquanto a escola privada incentiva seus alunos a prestarem vestibular, contribuindo para a visão da universidade como caminho natural após o término do ensino médio o mesmo não ocorre na escola pública. Como a autora não tem a entrada de seus alunos na universidade como um de seus propósitos, acaba por inculcar uma ideia de universidade enquanto projeto distante, do qual eles não devem participar.

Parente (2000) realizou uma pesquisa quantitativa a fim de investigar as relações entre desempenho no vestibular e o capital cultural do candidato a esse exame na Universidade de Brasília no ano de 1999. Segundo ele, o chamado “clima educacional familiar”, ou seja, as atitudes paternas tais como a expectativa e o encorajamento com respeito aos estudos de seus filhos, mostrou-se mais decisivo no desempenho dos jovens no exame vestibular do que outros indicadores como o nível de qualificação

dos pais ou o status socioeconômico familiar.

Zandoná (2005) se propôs a analisar o relacionamento do ingresso na universidade pública com a hierarquização social através da descrição do nível socioeconômico educacional dos candidatos ao processo seletivo da Universidade Federal do Paraná e percebeu em sua análise que aqueles que se inscrevem no vestibular são oriundos de uma determinada situação socioeconômica educacional, a qual favorece a aprovação, não notando diferença significativa entre o perfil dos candidatos inscritos e os aprovados, entendendo assim que o vestibular não se constitui como elemento de diferenciação social, sendo essa anterior ao exame. A autora notou também que quanto mais tradicional a carreira, mais visível é a predominância de candidatos com um perfil socioeconômico educacional mais favorecido – ou seja, formado em instituições privadas, pais mais escolarizados, rendas mais altas - que se inscrevem e que são aprovados em cursos considerados mais elitistas e mais concorridos, demonstrando que um perfil socioeconômico mais favorável relaciona-se com maiores chances de aprovação no vestibular.

## **5 - Os estudos de jovens universitários da USP**

Não são muitos os estudos que, como os apresentados acima, procuram analisar o jovem e sua inserção na universidade, mas que versam especificamente sobre a Universidade de São Paulo.

Pimenta (2001), estudando jovens universitários dessa instituição juntamente com jovens estudantes de instituições privadas de ensino superior da cidade de São Paulo, compreende que entre os jovens que tem necessidades econômicas mais intensas as escolhas de realização ou não de atividades remuneradas e de carreira/curso são muito mais restritas.

Segundo a autora, os jovens que assumem o auto sustento e o sustento familiar tendem a abandonar os estudos ou retomá-los mais tardiamente e os que conseguem conciliar estudos e trabalho optam principalmente por carreiras que não exijam dedicação em tempo integral, e nem sempre conseguem pagar altas mensalidades durante muitos anos.

Em seu estudo compara os perfis de três grupos de universitários: USP e duas instituições de ensino superior privadas que atendem a segmentos sociais diferentes. Verifica que na USP estão os grupos de maior capital cultural, o que não significa necessariamente maior renda. Uma das instituições de ensino privado reunia as rendas mais altas dentre os alunos mas não alcançava os mesmos índices de capital cultural. Na USP estariam concentrados os filhos de professores universitários e de funcionários de altas cargas na carreira pública. Na instituição privada não popular haveria extratos com rendas bastantes elevadas mas sem o mesmo capital cultural.

Setton (2005) analisa alguns casos de alunos com origem popular, rendas baixas e não oriundos de meios com elevada cultura escolar e que no entanto ingressaram nos cursos mais elitizados na Universidade de São Paulo a partir de suas trajetórias pessoais

e familiares, , os alunos pesquisados destacaram-se de um universo de estudantes que ingressaram nos cursos considerados de elite da Universidade de São Paulo.

Setton observou que a maior parte dos alunos estudados veio de escola pública e percebeu que para os homens o ensino técnico, no segundo grau, foi algo de bastante significado. A autora observa também que embora com estímulos familiares e principalmente maternos, esses jovens tiveram uma trajetória escolar problemática, apesar de terem sido exitosas e o cursinho vestibular é uma recorrência dos discursos. Notou-se pouco consumo de questões relativas a lazer ou prática cultural, sendo a rua, o esporte e a televisão os principais lugares de entretenimento.

A autora destaca como fatores importantes na trajetória dos alunos a participação dos irmãos mais velhos na vida desses jovens, bem como o diálogo possível com a mãe.

Setton também constata que nesses círculos familiares subalternos a cultura escolar, embora essa fosse valorizada entre os estudantes pesquisados, o conhecimento não vinha única e exclusivamente da escola; esses estudantes eram abertos para outras maneiras de experimentar o conhecimento e a cultura disponíveis, como a informação virtual, sendo essa responsável pela ampliação de escopo cultural desses jovens, tendendo a um desempenho escolar com mais sucesso.

Almeida (2007) também se propõe a investigar os casos de jovens pobres que alcançam o sucesso escolar e chegam a universidade, se debruçando sobre as dificuldades e dilemas encontrados na USP por aqueles universitários que tradicionalmente não estariam ali, os casos de sucesso escolar oriundos de meios socioeconomicamente desfavorecidos e escolas públicas, estudantes trabalhadores, cujos pais não chegaram a completar o ensino médio e com renda familiar não superior a R\$3.000, mas que apesar disso chegaram ao ensino superior público.

Esse autor coloca como característica presente entre todos os entrevistados “a falta de um capital familiar de informações sobre a universidade” (2007, p.44). Aponta ainda



para a estabilidade emocional no seio familiar, educação valorizada pelos pais como algo que de fato poderia levar a uma mobilidade social, realização dos estudos no ensino fundamental sem percalços como características comuns a esses jovens que poderiam explicar a chegada a universidade, entendendo esse alvo alcançado por uma população que não comumente o atinge de maneira muito próxima a obtida por Portes (2000), mesmo sete anos depois, e mesmo tratando de outra instituição, em outro estado brasileiro.

Tarábola (2010) procurou reconstituir trajetórias escolares de alguns jovens ingressantes no ano de 2005 na Universidade de São Paulo, e que vinham de uma formação realizada em instituições públicas de ensino, tomando esses como “ornitorrincos<sup>2</sup>”, ou seja, jovens com histórico atípico de sucesso e longevidade escolar, buscando entender as relações na família, na escola e do próprio indivíduo que os levaram a essa diferença. O autor percebe que essa adesão ao meio mais culto veio de forma mais forte da escola, mesmo sendo esta pública. Percebeu-se também a presença de características individuais e pessoais próximas como bom comportamento durante a estada escolar e a vontade de alcançar o êxito como algo que os permitiu entrar na universidade.

Com esses estudos percebe-se que os alunos da Universidade de São Paulo oriundos de meios populares são sempre retratados como estranhos, casos raros e pouco

---

<sup>2</sup> Palavra usada no título da dissertação pelo próprio autor a fim de ressaltar o caráter anômalo da situação de um jovem oriundo de meios não favoráveis chegar a universidade.

## **6 - As medidas de expansão e de inclusão na USP nos últimos 10 anos**

A criação da Universidade de São Paulo se deu num contexto de projetos voltados para formação das elites. O estado era mais importante pólo comercial brasileiro que acabara se sair derrotado de uma revolução a favor da promulgação de uma nova constituição e contra o então presidente do país.

Um dos idealizadores desse grande projeto de uma universidade paulista, Julio de Mesquita Filho, segundo Schwartzman (2006, p. 165) acreditava que “para São Paulo recuperar e manter sua preeminência no país, era necessário criar uma nova elite, instruída não só nas ciências modernas, mas também nas mais avançadas práticas gerenciais e de negócios[...]”

Assim, a Universidade de São Paulo, sobre o lema de que a ciência seria a vencedora (*Scientia Vincet*) foi fundada em 1934, a partir da aglutinação de várias instituições que já existiam no estado como a Academia de Direito de São Paulo fundada em 1827, a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo criada em 1912, a Escola Politécnica de São Paulo fundada em 1863, a então nominada Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo que havia sido criada em 1898 sob o nome de Escola Livre de Farmácia, e a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz fundada em 1900 pelo nome de Escola Agrícola Prática de Piracicaba. Adicionou-se a a autoras uma nova instituição para as Ciências e as Humanidades, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (Schwartzman, 2006). Constituía-a ainda a Escola de Ba autoras Artes, criada também em 1934.

Ainda em 1934 havia sido criada a Escola de Educação Física do Estado de São Paulo, primeira faculdade civil de educação física no Brasil e que viria a ser incorporada pela USP anos depois. Na sequência foi criada a Escola de Engenharia de São Carlos, também incorporada a essa Universidade. A Faculdade de Ciências Econômicas e

Administrativas criada em 1934 na cidade de São Paulo torna-se parte desse projeto em 1946.

No interior do estado a inicialmente denominada Faculdade de Farmácia e Odontologia de Bauru, hoje Faculdade de Odontologia de Bauru integra a Universidade desde a sua criação, em 1948. As Instituições já existentes em Ribeirão Preto (Faculdade de Medicina e Faculdade de Ciências e Letras) foram incorporadas a Universidade de São Paulo em 1974. A Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto e a Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos, em Pirassununga viriam a existir somente em 1992.

Com a Reforma Universitária, na década de 1960, os cursos de Física, Química, Matemática e Estatística, Biociências, Geociências, Psicologia e Educação, antes abrigados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se separaram para se constituírem em Institutos e/ou Faculdades autônomas, sendo também nessa década a mudança da Faculdade de Odontologia, da Escola Politécnica e das outras unidades criadas para a Cidade Universitária Armando Salles de Oliveira.

Na última década, essa universidade aderiu a uma política conjunta das Universidades Estaduais Paulistas (Unicamp, Unesp e USP), presente na resolução do CRUESP, Conselho de Reitores das Universidades Estaduais Paulistas, de 19 de janeiro de 2001. Com o apoio do governo do estado de São Paulo, a resolução tinha como objetivo aumentar a participação do poder público na oferta do ensino superior paulista. Isso se fazia necessário uma vez que, no momento da resolução, essas universidades ofertavam pouco mais de 10% de todas as vagas desse nível de ensino no estado. Para tanto, essas três universidades se comprometeram a realizar ações de modo a aumentar o número de vagas na graduação pelo índice de 5% ao ano.

Assim, foram abertas varias vagas no interior através da ampliação do Campus de São Carlos em 2005, a incorporação de uma faculdade já existente em Lorena no ano

de 2006, a criação de novos cursos nos campi de Ribeirão Preto e São Carlos de 2002 a 2005.

Abaixo, as tabelas trazem dados absolutos das principais ações de expansão de vagas descritas acima:

**Tabela 1 – Vagas criadas – campus de Ribeirão Preto (2002 e 2003)**

Curso	Vagas
Pedagogia – Noturno	50
Licenciatura em Música	20
Bacharelado em Farmácia e Bioquímica.	30
Ciências da Informação e da Documentação	40
Licenciatura em Química	40
Nutrição/Fonoaudiologia/Informática Biomédica	100
Ribeirão Preto - Total	280

(Fonte: Jornal da USP, 2005)

**Tabela 2 – Cursos e Vagas criados – ampliação do Campus São Carlos (2005)**

Curso	Vagas
Bacharelado em Ciências da Computação	100
Bacharelado em Física - São Carlos	40
Bacharelado em Química (*) 20	20
Engenharia Aeronáutica	40
Engenharia de Computação	50
Engenharia de Produção Mecânica	30
Engenharia Mecatrônica	50
Matemática - Bacharelado e Licenciatura (*)	5
Matemática Aplicada e Computação Científica	25
Total	360

(Fonte: www.Fuvest.br)

(\*) curso já existente anteriormente, o número de vagas nesse caso se refere ao número de vagas acrescido em 2005 em relação aos outros anos.

**Tabela 3 – Cursos e Vagas criados - Incorporação do Campus Lorena (2006)**

Curso	Vagas
Engenharia Industrial Química	80
Engenharia Bioquímica	40
Engenharia de Materiais	40
Engenharia Química	80
Campus Lorena – Total	240

www.Fuvest.br

Embora com menos ênfase, foram criados cursos e vagas na capital também, como se observa na tabela abaixo:

**Tabela 4 – Cursos e Vagas criados - campus Capital**

Ano	Curso	Vagas
2002	Bacharelado em Relações Internacionais	60
2002	Matemática Aplicada e Computacional – Noturno	50
2002	Oceanografia	40
2006	Design	40
	Capital – Total	190

Fonte www.Fuvest.br

Houve também a criação de uma nova unidade na capital, a EACH, Escola de Artes e Ciências Humanas, mais conhecida como USP Leste, no ano de 2005, que no momento de sua implantação contava com 8 cursos e 840 vagas. Localizada numa região de São Paulo onde a demanda por ensino superior é maior que a oferta, sua criação foi conquista de lutas de lideranças da região por verem no acesso à universidade pública uma perspectiva de mobilidade social ascendente para os jovens da região e a possibilidade desenvolvimento local.

Tabela 5 – Cursos e Vagas EACH 2005

Curso	Vagas
Bacharelado em Tecnologia Têxtil e da Indumentária	60
Bacharelado em Gestão Ambiental – Matutino	60
Bacharelado em Gestão Ambiental – Noturno	60
Bacharelado em Lazer e Turismo – Vespertino	60
Bacharelado em Lazer e Turismo – Noturno	60
Marketing – Matutino	60
Marketing – Noturno	60
Bacharelado em Ciências da Atividade Física	60
Curso de Graduação em Gerontologia	60
Licenciatura em Ciências da Natureza para o Ensino Fundamental – Matutino	60
Licenciatura em Ciências da Natureza para o Ensino Fundamental – Noturno	60
Bacharelado em Sistemas de Informação – Matutino	60
Bacharelado em Sistemas de Informação – Noturno	120
<b>EACH</b>	<b>840</b>

Fonte: [www.Fuvest.br](http://www.Fuvest.br)

Alguns dados numéricos sintetizam bem essa ampliação: no ano de 1995 Universidade de São Paulo disponibilizava por meio do vestibular Fuvest 7122 vagas, em 2000 o número de vagas era de 7175, sendo esse aumento de menos de 1%. Já em 2005 foram disponibilizadas 9567 vagas em 142 cursos, tendo um aumento de aproximadamente 33,5% de vagas nesses 5 anos. Em 2010, já com a incorporação do Campus Lorena e com dois novos institutos em Ribeirão Preto – Faculdade de Direito e Escola de Educação Física e Esporte, criadas em 2008 e 2009 respectivamente - eram 10562 vagas em 164 cursos, com um aumento de aproximadamente 10,5% de vagas nesse intervalo de tempo.

Tabela 6– Número de vagas na USP oferecidas por ano

Ano	Número de vagas
1995	7122
2000	7175
2005	9567
2010	10562

Fonte: [www.Fuvest.br](http://www.Fuvest.br)

Além dessa ampliação de vagas, o Inlusp - Programa de inclusão da Universidade de São Paulo - da Pró Reitoria de Graduação foi criado em 2006 como uma política institucional de inclusão social voltada para estudantes da escola pública que tem como principais objetivos: a ampliação das probabilidades de acesso dos estudantes egressos da escola pública, a superação das barreiras educacionais que dificultam esse acesso, o apoio às escolas públicas, seus professores e alunos, mediante ações especializadas, o incentivo à participação dos egressos da escola pública no processo seletivo de ingresso na Universidade, por meio de medidas de apoio didático pedagógico e de divulgação e o apoio à permanência dos alunos no curso superior (MARQUES, 2008).

A ampliação de probabilidades de acesso é feita a partir de uma bonificação em cima da nota obtida no vestibular. Os alunos que aderiram ao Inlusp nos anos de 2007 e 2008 receberam bonificação de 3% nas notas das duas fases do vestibular. Em 2009 a bonificação foi estendida, de tal forma que alunos da rede pública podiam receber 3 diferentes tipos de bônus: o de 3% tal como nos anos anteriores, e mais outros dois, vinculados ao desempenho dos alunos no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) que podia chegar a até 6% e no Programa de Avaliação Seriada da USP – PASUSP - cujo bônus adiciona até 3% nas notas do aluno. Esse último teve sua primeira edição em 2008. Como a USP não pôde utilizar as notas do ENEM no exame da Fuvest no ano de 2010, por conta de alteração no calendário do primeiro que inviabilizaria a programação do segundo, empregou-se a pontuação dos candidatos na 1ª fase como parâmetro para a concessão do bônus, criando-se o chamado “bônus Fuvest”.

Segundo o relatório do programa, desde seu início por volta de 25 a 30% dos ingressantes na USP que optaram pelo Inlusp dependeram do bônus para a entrada na universidade.

Nos cursos mais concorridos, em que a distribuição de notas é menos acentuada e onde as notas são mais elevadas, o impacto do bônus tem se mostrado mais significativo.

Além disso, foram criadas bolsas de estudo que visam a permanência dos alunos ingressantes na USP com condição socioeconômica desfavorável, tais como Bolsa Fuvest (200 bolsas, R\$ 250,00/mês); Bolsa Ensinar com Pesquisa (800 bolsas, R\$ 300,00/mês); Bolsa Aprender com Extensão (900 bolsas, R\$ 300,00/mês); Bolsa Alimentação, Bolsa Moradia e Auxílio à Moradia (1100 bolsas, R\$ 300,00/mês); Bolsa Transporte (300 bolsas, R\$ 150,00/mês); Bolsa Educação de Apoio Socioeconômico (200 bolsas, R\$ 300,00/mês).

Sendo assim, tem-se um grande número de ações tomadas pela Universidade de São Paulo na década de 2000 a fim de torná-la mais acessível. Portanto há a necessidade de estudo dos efeitos da expansão de vagas da Universidade de São Paulo, com criação de novos campi, e de programas de acesso e permanência a universidade, com relação ao real impacto sobre seu alunado, principalmente sobre o grupo jovem, aquele que se insere na universidade no período considerado mais apropriado nos indicadores educacionais (GOMES E MORAES, 2009).

Desse modo, é importante saber se todas essas medidas tiveram força o suficiente para recriar um novo perfil do jovem uspiano, ou seja, se já é possível caracterizar de modo mais geral a presença de grupos sociais heterogêneos na universidade ou se apesar de tudo que já foi feito, os jovens de grupos sociais não privilegiados ainda são minorias e exceções no momento de ingresso na universidade.



## 7 - O universo analisado: inscritos e ingressos

### 7.1- Breve apresentação

Antes de tudo, faz-se necessário uma apresentação do universo analisado. Vale ressaltar que, como já foi dito nas considerações em torno da categoria juventude e na descrição do percurso metodológico, há certa arbitrariedade na definição em torno da idade cronológica que separa os jovens dos não jovens. Neste trabalho optou-se pela faixa etária que oscila entre 17 e 18 anos e no limite superior se encerra com 25 anos. É interessante notar a informação que a primeira tabela traz, além do universo de inscritos em cada ano de modo geral. Observa-se o aumento significativo de número de inscritos no ano de 2005, tanto entre o grupo aqui entendido como jovem quanto entre o grupo entendido como adulto.

**Tabela 7 - Números absolutos e % de inscritos nos vestibulares nos anos analisados por grupo etário**

	2000		2005		2010	
Jovens de até 25 anos	109634	92,8%	123340	90,8%	105644	94,0%
Mais de 25 anos	8225	7,0%	12129	8,9%	6730	6,0%
Idade não Informada	256	0,2%	439	0,3%	67	0,1%
Total	118115	100%	135908	100%	112441	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 8 - Números absolutos e % de ingressantes nos vestibulares nos anos analisados por grupo etário**

	2000		2005		2010	
Jovens de até 25 anos	6719	91,2%	8830	91,3%	9836	91,8%
Mais de 25 anos	636	8,6%	828	8,6%	884	8,3%
Idade não Informada	11	0,2%	9	0,1%	1	0,0%
Total	7366	100%	9667	100%	10721	100%

Fonte: Fuvest

Para facilitar a visualização dos dados, optou-se em apresentar as tabelas apenas com porcentagens uma vez que a autoras facilitam a comparação entre os anos investigados.

## **7.2- A USP inscritos e ingressantes: por que trabalhar com essas duas variáveis?**

Embora a meta inicial fosse o estudo dos ingressantes da USP, não há como analisa-los sem que se tenha como parâmetro os inscritos no vestibular dessa instituição, uma vez que os resultados apenas dos ingressantes pode ressaltar certa ideia de que as provas em si sejam apenas o único filtro que age sobre a seleção.

Assim, nesse capítulo, será apresentada uma breve análise do perfil dos inscritos no processo seletivo da Fuvest nos anos de 2000, 2005 e 2010, em comparação com os ingressantes de cada ano analisado.

A faixa etária dos inscritos situa-se predominantemente no seguimento jovem, em todos os anos estudados, apontando índices acima dos 90% do total em todos os anos analisados.

**Tabela 9 - Distribuição de inscritos nos vestibulares por grupos etários**

	2000	2005	2010
Até 25 anos	93,0%	90,7	94,0%
Mais de 25 anos	7,0%	8,9%	6,0%
Idade não Informada	0,2%	0,3%	0,1%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Observa-se que dentre os ingressantes os jovens constituem ampla maioria, subindo discretamente a presença dos segmentos etários com mais de 25 anos no ano de 2010.

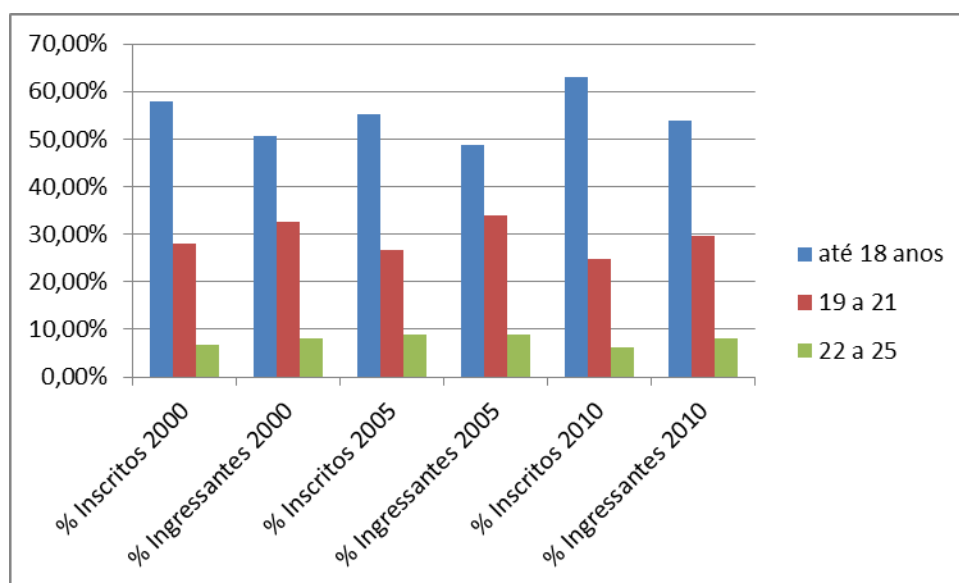
Tabela 10 - **Distribuição de ingressantes segundo faixa etária**

	2000	2005	2010
Jovens de até 25 anos	91,2%	91,3%	91,8%
Mais de 25 anos	8,6%	8,6%	8,3%
Idade não Informada	0,2%	0,1%	0,0%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Dentre o universo considerado jovem a maioria situa-se na faixa até 18 anos, em todas os anos estudados, tanto no grupo dos ingressantes como no dos inscritos, como se apresenta no gráfico que segue. O segundo grupo etário mais numeroso é o que se situa entre 19 e 21 anos. O grupo mais velho – 22 a 25 anos - não chegou a perfazer 10% em relação aos mais jovens em nenhum momento.

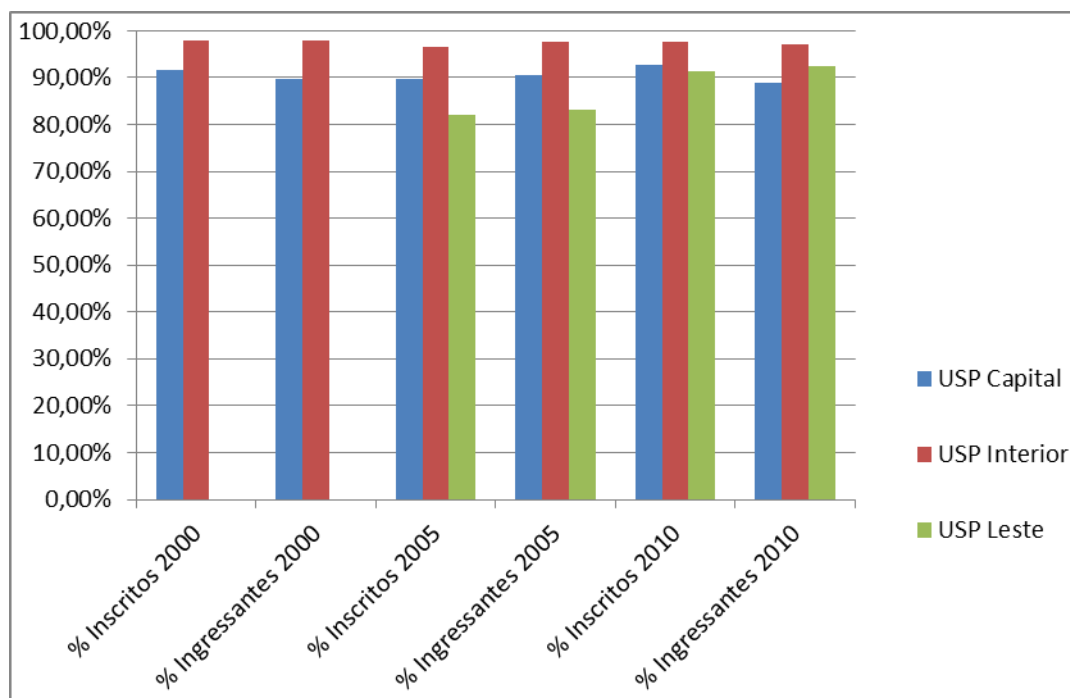
Gráfico 1- **Distribuição das faixas de idade entre a população de jovens ingressantes e inscritos**



Fonte: Fuvest

Faz-se necessário a ressalva de que a faixa etária mais nova pode incluir os treineiros entre os inscritos, ou seja, aqueles que realizam o exame vestibular apenas como um treino, para prestar de fato no ano seguinte. Isso pode levar a uma sobrevalorização dessa faixa no grupo dos inscritos no vestibular.

**Gráfico 2– Distribuição de Jovens de até 25 anos inscritos e ingressantes por campus**



Fonte: Fuvest

Observa-se apenas uma leve diminuição dessa faixa etária apenas entre os inscritos do ano de 2005 da USP Leste, ano em que se dariam as primeiras turmas dos cursos desse campus, quando os inscritos de até 25 anos eram 81,9% do total. Interessante notar que já em 2010, assim como acontece com os outros campi da USP, a população de até 25 anos já aparece com índices mais elevados entre os inscritos e entre os ingressantes dos cursos da USP Leste, mostrando que houve num primeiro momento uma procura por parte da população mais velha por esses novos cursos, mas com o tempo o perfil etário dessa unidade se igualou às outras.

O que se denominou aqui de USP Interior (ou seja, todos os campi que estão localizados fora da capital do estado de São Paulo), apresenta essa característica de população jovem mais acentuada ainda, desde o processo seletivo, com mais da metade

de inscritos e ingressantes em seus cursos (por volta de 60% em todos os anos) com idade até 18 anos.

Observa-se também que em 2005 o índice de inscritos de 22 a 25 anos na USP Leste foi um pouco maior do que se observa em relação ao universo USP em geral, o que pode ser verificado no gráfico 2, embora essa diferença seja pouco expressiva.

As tabelas abaixo evidenciam que enquanto a USP Leste teve 12% de seus inscritos no ano de 2005 na faixa de 22 a 25 anos, a USP Interior apresentou índices de 6% e a USP Capital de 9,5% para essa população nesse mesmo ano. Dessa maneira, nota-se que houve uma ligeira concentração dos segmentos mais velhos em 2005 apenas na USP Leste.

**Tabela 11- Distribuição de jovens inscritos na USP Leste por faixa etária**

Idade	2005	2010
Até 18 anos	55,9%	66,4%
De 19 a 21	28,7%	24,7%
De 22 a 25 anos	15,4%	8,9%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 12- Distribuição de jovens Inscritos na USP Interior por faixa etária**

Idade	2000	2005	2010
Até 18 anos	63,2%	63%	67,3%
De 19 a 21	32,2%	30,6%	27,9%
De 22 a 25 anos	4,6%	6,3%	4,7%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 13- Distribuição de jovens Inscritos na USP Capital por faixa etária**

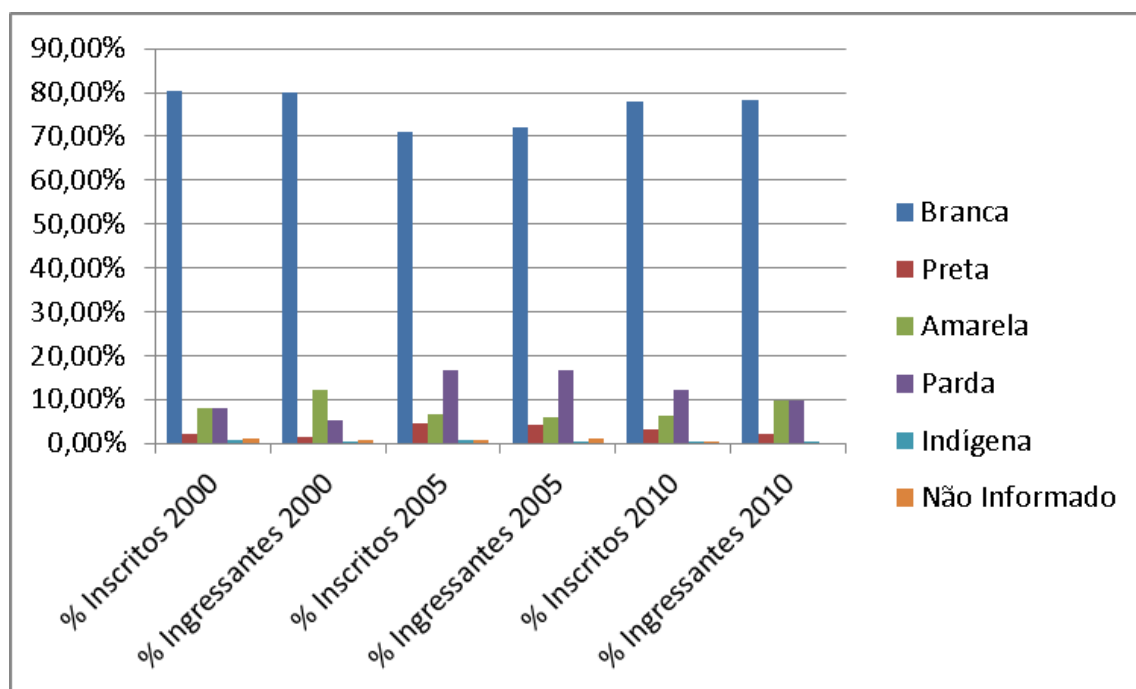
Idade	2000	2005	2010
Até 18 anos	62,1%	60,3%	67,0%
De 19 a 21	29,8%	29,0%	25,9%
De 22 a 25 anos	8,0%	10,6%	7,1%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Assim, tem-se como maioria dos inscritos e dos ingressantes, em todos os anos investigados, uma população que não apresenta grandes rupturas no seu processo de escolaridade, para a qual o ensino superior é mais uma etapa da educação básica, cujos estudos não sofreram intercorrências e consecutivas paradas. Ao que tudo indica os grandes filtros ocorrem antes do momento da inscrição no vestibular.

Em relação à cor, nota-se que mais de 70% dos jovens se declaram brancos em todos os anos analisados. Interessante notar que isso não é um fato que ocorre apenas entre os ingressantes, mas entre os inscritos, também, como se houvesse, também, uma pré-seleção de cor antes do processo seletivo.

Gráfico 3 - **Distribuição de jovens de até 25 anos por cor**



Fonte: Fuvest

Apesar de tanto entre os jovens inscritos como entre os ingressantes de 2005 ter havido uma maior participação de negros e pardos, foi uma mudança de comportamento pontual em 2005, uma vez que não é possível observar o mesmo fato no ano de 2010. Há um decréscimo de sua presença mas a autora ainda é maior do que ano 2000.

O grupo declarado como amarelo chama atenção entre os jovens, especialmente entre os ingressantes, tendo maior participação do que se observa no conjunto da

população paulista (segundo o censo do IBGE de 2010, a população amara autora somada a população indígena em São Paulo totalizava 9% da população desse estado).

Esse aumento de jovens inscritos que se declaram pretos e pardos em 2005 se verifica principalmente na USP Leste, onde os índices chegaram a 24,5% de pardos e 7,9% de pretos. Mesmo nesse local, em 2010 não foram atingidos os mesmos índices.

**Tabela 14 - Distribuição de jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes da USP Leste por cor**

Cor	2005		2010	
	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes
Branca	59,9%	73,7%	72,7%	74,7%
Preta	7,9%	3,5%	4,6%	3,3%
Amara autora	5,9%	3,2%	7,4%	10,1%
Parda	24,5%	18,0%	14,8%	11,5%
Indígena	0,8%	0,6%	0,5%	0,42%
Não Informado	0,9%	0,9%	0,0%	0,0%
Total geral	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 15 - Distribuição de jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes da USP Interior por cor**

Cor	2000		2005		2010	
	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes
Branca	84,8%	85,5%	77,1%	73,8%	82,0%	85,5%
Preta	1,5%	1,3%	2,8%	3,9%	2,5%	1,3%
Amara autora	6,0%	7,7%	5,4%	5,2%	4,5%	5,2%
Parda	6,3%	5,0%	13,5%	16,0%	10,6%	8,0%
Indígena	0,5%	0,4%	0,5%	0,4%	0,2%	0,1%
Não Informado	0,8%	0,4%	0,7%	0,7%	0,0%	0,0%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Tabela 16 - **Distribuição de jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes da USP Capital por cor**

Cor	2000		2005		2010	
	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes
Branca	79,3%	78,7%	69,7%	71,2%	76,6%	78,6%
Preta	2,3%	0,9%	4,7%	4,3%	3,5%	1,8%
Amara autora	8,5%	13,3%	7,0%	6,6%	7,0%	9,6%
Parda	8,3%	5,3%	17,1%	16,5%	12,6%	9,7%
Indígena	0,6%	0,5%	0,6%	0,4%	0,4%	0,2%
Não Informado	1%	0,9%	0,8%	0,9%	0,0%	0,0%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Mas no interior dessa população juvenil, observa-se um fenômeno diferente com a população juvenil mais velha (que ocupa a faixa entre 22 e 25 anos). Nesse grupo a população negra e parda que se inscreve no vestibular USP é visivelmente maior que a que ingressa nos cursos dessa universidade (ao menos entre os chamados da primeira lista), como se observa no gráfico que segue, embora seja notável que mesmo não atingindo os mesmos índices de 2005, os índices de negros e pardos aprovados para o vestibular 2010 mostram uma melhora em relação aos níveis que ocupavam em 2000.

Mesmo entre esse grupo em que há maiores índices de inscritos negros e pardos em todos os anos analisados, é visível o aumento de inscritos negros e pardos no ano de 2005, possivelmente influenciados pela maior mídia que as ações de aumento de vagas nessa universidade tiveram no ano anterior.



Tabela 17 - **Distribuição das faixas etárias dos jovens de até 25 anos por cor -**

**2000**

Idade	Inscritos				Ingressantes			
	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	Total	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	Total
Branca	82,9%	77,6%	70,6%	80,4%	81,5%	78,4%	78,1%	80,1%
Preta	1,6%	2,6%	4,9%	2,1%	0,7%	1,7%	2,7%	1,2%
Amara autora	7,8%	8,7%	7,2%	8,0%	11,8%	13,1%	10,1%	12,2%
Parda	6,4%	9,3%	14,5%	7,9%	4,8%	5,6%	6,5%	5,2%
Indígena	0,4%	0,8%	1,0%	0,6%	0,4%	0,5%	0,7%	0,4%
Não Informado	0,8%	1,0%	1,9%	1,0%	0,8%	0,7%	1,8%	0,8%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Tabela 18 - **Distribuição das faixas etárias dos jovens de até 25 anos por cor -**

**2005**

Idade	Inscritos				Ingressantes			
	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	Total	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	Total
Branca	74,3%	68,4%	58,3%	71,0%	72,6%	71,4%	72,1%	72,1%
Preta	3,1%	5,3%	9,6%	4,4%	4,4%	3,8%	4,0%	4,1%
Amara autora	6,9%	6,6%	4,9%	6,6%	5,8%	6,3%	5,3%	5,9%
Parda	14,6%	18,0%	25,3%	16,6%	16,0%	17,0%	17,2%	16,5%
Indígena	0,4%	0,7%	0,8%	0,5%	0,4%	0,5%	0,6%	0,4%
Não Informado	0,7%	1,0%	1,0%	0,8%	0,8%	1,0%	0,8%	0,9%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Tabela 19 - **Distribuição das faixas etárias dos jovens de até 25 anos por cor -**

**2010**

Idade	Inscritos				Ingressantes			
	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	TOTAL	Até 18 anos	De 19 a 21 anos	De 22 a 25 anos	TOTAL
Branca	80,2%	75,4%	65,6%	77,1%	81,9%	79,9%	72,7%	79,8%
Preta	2,7%	3,8%	7,0%	3,6%	1,4%	1,8%	4,6%	2,0%
Amara autora	6,0%	7,0%	6,7%	6,3%	8,0%	8,7%	8,6%	8,3%
Parda	10,9%	13,4%	20,0%	12,7%	8,7%	9,3%	13,8%	9,7%
Indígena	0,3%	0,4%	0,6%	0,4%	0,1%	0,3%	0,2%	0,2%
Não Informado	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Embora tenha havido um aumento geral de inscritos negros e pardos em 2005, a autoras tabelas abaixo é possível notar uma maior concentração de inscritos negros e pardos em 2005 na USP Leste, seguida pela USP Capital. Enquanto na USP Capital o aumento de índices de jovens inscritos com esse perfil foi acompanhado com a mesma intensidade entre os jovens ingressantes, na USP Leste esse alto índice de inscritos não significou o mesmo índice de ingressantes, havendo entre os ingressantes taxas ligeiramente menores desse público.

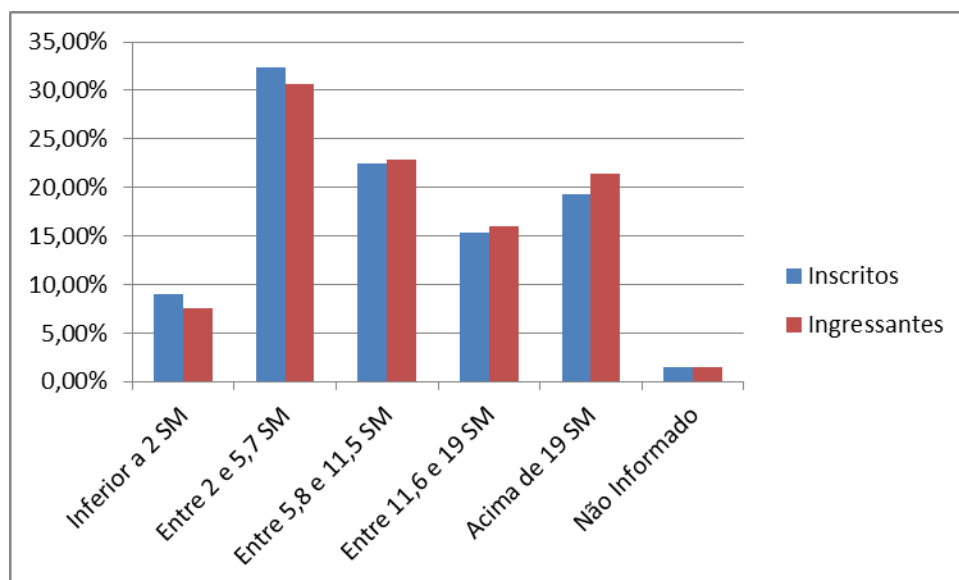
A renda familiar mensal é um item que requer um pouco mais de cuidado para ser analisado, uma vez que não se possui os dados sobre os inscritos e os ingressantes de 2000 e mesmo dos dois outros anos, não é possível fazer uma total equiparação das faixas a serem analisadas. O questionário aplicado em 2000 não incorporou o quesito renda, nos outros anos a renda foi objeto de questão específica, mas as alternativas a serem preenchidas correspondiam a faixas diversas de rendimento.

Apesar disso, notou-se que enquanto em 2005 os maiores índices de renda (32,43% entre os inscritos e 30,47 entre os ingressantes) se deram na faixa entre R\$500

e R\$1.500 (ou entre 02 e 5,7 SM), seguidos sob o critério de frequência pelos índices de 22,48% entre ingressantes e 22,92% entre inscritos que afirmaram tendo renda mensal familiar entre R\$1.500 e R\$3.000 (para possível comparação entre 5,7 e 11,9 salários mínimos<sup>3</sup>). Já em 2010, isso se deu de maneira menos concentrada.

De modo geral pode-se verificar que nos estratos de renda mais alta há ligeira variação de modo a terem presença maior nos ingressantes em relação aos inscritos. O inverso ocorre nos estratos de renda menor, eles estão mais representados nos inscritos do que nos ingressantes, em todos os anos.

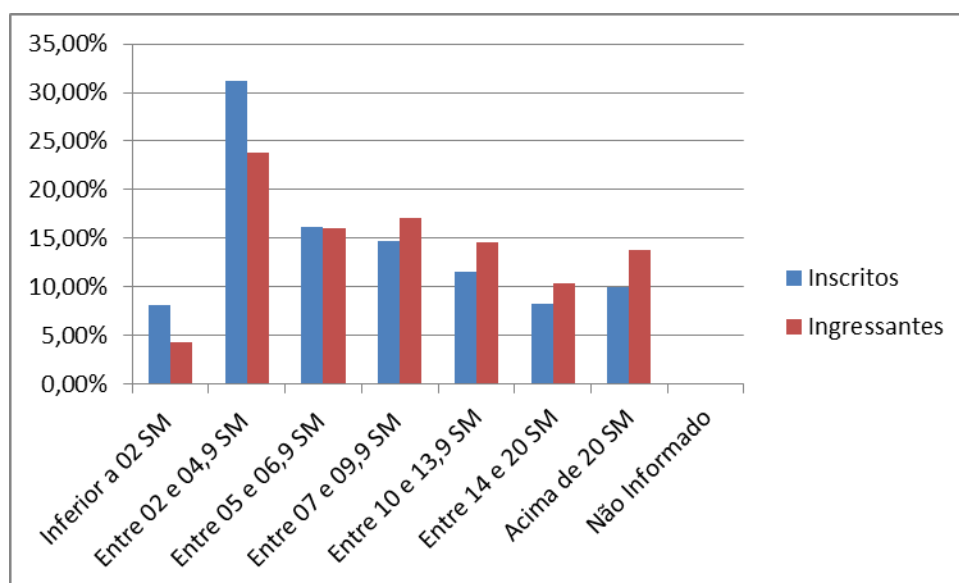
**Gráfico 4- Distribuição de renda pela população geral de Inscritos e Ingressantes - 2005 (unidade salário mínimo)**



Fonte: Fuvest

<sup>3</sup> Como os questionários foram respondidos em 2004, usou-se o salário mínimo vigente até maio de 2005 cujo valor era de R\$260,00 para os dados relativos a 2005. Os dados relativos a 2010, por terem sido coletados ainda em 2009, apresentam o salário mínimo vigente até janeiro de 2010 com valor igual a R\$465,00

**Gráfico 5 - Distribuição de renda pela população geral de Inscritos e Ingressantes - 2010 (unidade salário mínimo)**



Fonte: Fuvest

**Tabela 20 - Distribuição de renda por jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes - 2005 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Inferior a 2 SM	8,9%	7,6%
Entre 2 e 5,7 SM	31,1%	30,8%
Entre 5,8 e 11,5 SM	22,9%	23,1%
Entre 11,6 e 19 SM	16,0%	15,7%
Acima de 19 SM	20,4%	21,3%
Não Informado	1,4%	1,5%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 21 - Distribuição de renda por jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes - 2010 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Até 2 SM	7,4%	3,9%
Entre 02 e 04,9 SM	30,8%	23,2%
Entre 05 e 06,9 SM	16,4%	16,3%
Entre 07 e 09,9SM	15,0%	17,1%
Entre 10 e 13,9 SM	11,7%	14,8%
Entre 14 e 20 SM	8,5%	10,6%
Acima de 20 SM	10,2%	14,1%
Não Informado	0,0%	0,0%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

Se observado o comportamento dos jovens até 25 anos em relação à renda, verifica-se uma pequena de concentração nas rendas maiores tanto dos inscritos quanto dos ingressantes em relação a população geral da USP ingressante e inscrita no mesmo ano. Isso indica que os jovens uspianos de até 25 anos tem renda familiar mais elevada que a população da USP em geral. Por outro lado, verifica-se a presença de variações na renda, estando a população ingressante distribuída em vários estratos, sendo que os segmentos de renda mais alta atingem cerca de 40% dos que ingressam. Observa-se que no ano de 2005 essa heterogeneidade na renda favoreceu os de renda mais baixa que perfaziam cerca de 38% dos ingressantes, atingindo apenas 27% em 2010.

**Tabela 22 - Distribuição de renda por indivíduos de mais de 25 anos Inscritos e Ingressantes - 2005 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Inferior a 2 SM	16,9%	6,6%
Entre 2 e 5,7 SM	45,4%	29,6%
Entre 5,8 e 11,5 SM	18,3%	21,3%
Entre 11,6 e 19 SM	9,1%	18,1%
Acima de 19 SM	8,4%	22,5%
Não Informado	1,9%	1,9%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 23 - Distribuição de renda por indivíduos de mais de 25 anos Inscritos e Ingressantes da USP - 2010 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Inferior a 02 SM	19,6%	9,5%
Entre 02 e 04,9 SM	38,1%	30,7%
Entre 05 e 06,9 SM	11,9%	13,7%
Entre 07 e 9,9 SM	11,0%	17,0%
Entre 10 e 13,9 SM	7,5%	11,0%
Entre 14 e 20 SM	5,1%	6,9%
Acima de 20 SM	6,7%	11,2%
Não Informado	0,1%	0,0%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

No entanto é necessário destacar o ocorrido com os inscritos e os ingressantes na USP Leste, que mantem a diferença entre os inscritos e os ingressantes embora de modo muito mais evidente em 2005, sendo no grupo dos ingressantes onde ocorrem rendas mais altas, há uma notável concentração tanto dos inscritos quanto dos ingressantes em rendas mais baixas, do que o observado na USP em geral para a faixa etária jovem.

**Tabela 24 - Distribuição de renda por jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes/ USP Leste - 2005 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Inferior a 2 SM	15,6%	9,2%
Entre 2 até 5,6 SM	45,4%	37,3%
Entre 5,7 e 11,4 SM	19,7%	22,9%
Entre 11,5 e 19 SM	9,0%	14,1%
Acima de 19 SM	9,2%	15,1%
Não Informado	1,1%	1,4%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

Tabela 25 - **Distribuição de renda por jovens de até 25 anos Inscritos e Ingressantes/ USP Leste - 2010 (unidade salário mínimo)**

Renda Familiar	Inscritos	Ingressantes
Até 02 SM	10,8%	4,5%
Entre 02 e 04,9 SM	38,9%	29,5%
Entre 05 e 06,9 SM	17,4%	19,1%
Entre 07 e 09,9 SM	13,7%	18,0%
Entre 10 e 13,9 SM	8,9%	13,7%
Entre 14 e 20 SM	5,4%	7,4%
Acima de 20 SM	4,9%	7,7%
Não Informado	0,0%	0,0%
Total	100%	100%

Fonte: Fuvest

De maneira menos evidente essa diferença entre os inscritos e os ingressantes da USP Leste para a população de até 25 anos se mantem em 2010, e de novo nota-se aglomerados de rendas mais baixas que o obtido na USP em geral.

Sobre a relação entre a realização de estudos do ensino médio em escola pública ou escola particular e o ingresso na universidade, é interessante notar que a presença de inscritos oriundos da escola pública sofre um acréscimo significativo em 2005, mas decresce em 2010. Em todos os anos, verifica-se a predominância da escola privada dentre os ingressantes e inscritos, mas sendo acentuadamente mais alta entre a população ingressante. A menor presença dentre os inscritos de egressos da escola pública deriva, também, das representações existente torno do vestibular da Fuvest e de outras universidades de prestígio que, de algum modo, afastam esse tipo de aluno no momento das inscrições impedem os alunos de escola pública de o prestarem (PIMENTA, 2008).

**Tabela 26 - Distribuição dos jovens até 25 anos inscritos e ingressantes por tipo de instituição em que realizaram o Ensino Médio**

Tipo de Instituição	2000		2005		2010	
	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes	Inscritos	Ingressantes
Pública	33,1%	21,1%	40,2%	38,0%	27,5%	21,7%
Particular	57,6%	72,4%	53,1%	54,3%	66,2%	73,3%
Ambas	7,6%	5,2%	5,5%	5,7%	6,0%	4,7%
Outros	1,7%	1,3%	1,2%	2,1%	0,3%	0,2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

No ano de 2005, assim como se verifica com outras variáveis, a Universidade de São Paulo conseguiu com que um maior número de jovens vindos da escola pública ao menos se inscrevesse no vestibular.

Em síntese, é possível observar tanto em relação à cor, quanto a renda e quanto ao tipo de instituição em que o jovem realizou o ensino médio que existe uma pré-seleção, anterior à inscrição no exame vestibular, que impede os jovens com perfil menos elitista de, ao menos, tentarem prestar os exames e, com isso, são também minoria entre os ingressantes.

Sob todos os âmbitos verificados até aqui, observou-se um movimento de aumento de inscrição dos egressos de escolas públicas no ano de 2005 e, principalmente, em cursos que estavam se abrindo nesse ano na USP Leste.

Notou-se que também em 2005 na USP Leste houve um aumento de inscrições na faixa etária de 22 a 25 anos. Assim, entende-se que o ano de 2005 e, principalmente a abertura de vagas nesse ano na USP Leste, trouxe também para o exame vestibular uma população que havia interrompido seus estudos.



## 8- O Perfil dos Jovens Ingressantes

Os jovens de até 25 anos que ingressaram na Universidade de São Paulo nos três anos analisados não se restringem aos cursos diurnos, embora constituam mais de 90% da população dos cursos diurnos em todos os anos, sendo maioria também entre os cursos noturnos, por volta de 80% dessa população, como se observa abaixo. Observa-se também um gradual aumento dos mais jovens nos cursos noturnos nos últimos anos, sobretudo em 2010.

Tabela 27 - **Distribuição de ingressantes jovens e não jovens segundo período de curso por ano**

Período	2000		2005		2010	
	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno	Diurno	Noturno
Jovens de até 25 anos	96,5%	79,3%	95,7%	83,5%	96,2%	83,1%
Acima de 25	1,6%	20,6%	4,2%	16,4%	3,8%	16,9%
Não Informado	1,9%	0,1%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Os estudantes de até 18 anos são mais da metade dos jovens de até 25 anos em cursos nos períodos<sup>4</sup> diurnos e em regime integral, em todos os anos analisados. Eles são a maioria também entre o período noturno nos anos de 2005 e 2010, enquanto em 2005 a faixa etária predominante no período noturno é a entre 19 e 21 anos.

---

<sup>4</sup> Os manuais do candidato dos vestibulares Fuvest definem os períodos de funcionamento dos cursos da Universidade de São Paulo da seguinte forma “Matutino - Aulas pela manhã; Vespertino - Aulas à tarde, Noturno - Aulas à noite e também aos sábados, dependendo do curso; Diurno - Aulas pela manhã e à tarde, predominando um desses períodos; Integral - Aulas distribuídas ao longo do dia” (Fuvest, Manual do Candidato, 2012, p.2).

Embora aqui tenha se optado por apresentar os dados segundo a divisão feita pela própria Fuvest, no resto do estudo optou-se por denominar período Diurno os períodos Matutino, Vespertino, Diurno e Integral somados para efeito de contraponto com o período Noturno.

**Tabela 28 - Distribuição de jovens ingressantes de até 25 anos por faixa etária segundo período de curso - 2000**

	Integral	Matutino	Vespertino	Diurno	Noturno
Até 18 anos	75,1%	55,5%	49,8%	58,1%	41,4%
De 19 a 21 anos	16,8%	31,6%	39,0%	30,4%	38,1%
De 22 a 25 anos	8,0%	12,9%	11,9%	11,5%	20,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 29 - Distribuição de jovens ingressantes de até 25 anos por faixa etária segundo período de curso - 2005**

	Integral	Matutino	Vespertino	Diurno	Noturno
Até 18 anos	58,1%	59,2%	58,6%	55,1%	39,3%
De 19 a 21 anos	37,2%	34,4%	33,7%	37,2%	41,1%
De 22 a 25 anos	4,6%	6,4%	7,7%	7,7%	19,6%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

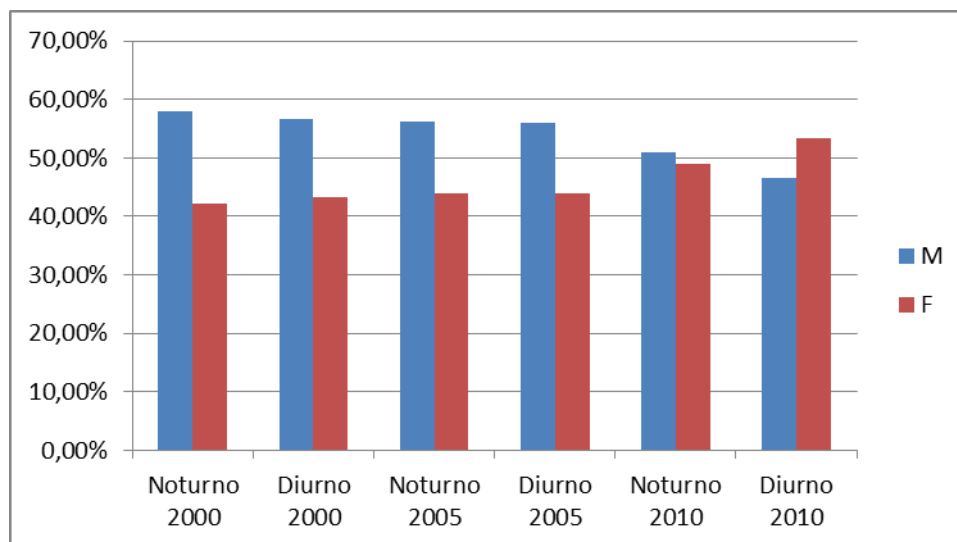
**Tabela 30 - Distribuição de jovens ingressantes de até 25 anos por faixa etária segundo período de curso - 2010**

	Integral	Matutino	Vespertino	Diurno	Noturno
Até 18 anos	61,9%	67,7%	66,4%	61,8%	48,8%
De 19 a 21 anos	33,9%	26,7%	27,9%	30,7%	33,8%
De 22 a 25 anos	4,2%	5,6%	5,7%	7,5%	17,4%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Quanto a distribuição desses jovens por período segundo o sexo, os jovens do sexo masculino se constituíram como maioria tanto no período diurno quanto no noturno nos anos de 2000 e 2005 e em 2010 os jovens do sexo feminino passaram a ser maioria no período diurno e no período noturno a diferença é de apenas 2,7%, sendo os indivíduos do sexo masculino a maioria.

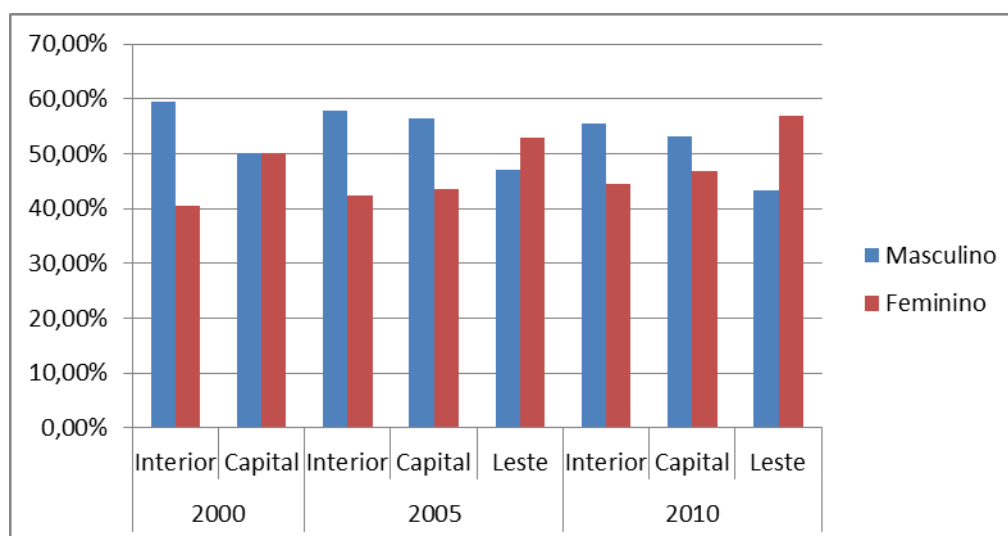
**Gráfico 6 - Distribuição de sexo dos ingressantes de até 25 anos por período**



Fonte: Fuvest

Quando se pensa essa distribuição desses jovens segundo seu sexo por campus, percebe-se a supremacia do sexo masculino nas unidades da USP no Interior em todos os anos estudados, enquanto a maioria feminina na USP Leste aparece desde a sua criação. Já a capital apresenta uma equidade entre os sexos em 2000, e uma maioria masculina com diferença de 13% no ano de 2005, diferença essa que se torna mais sutil, cerca de 7%, no ano de 2010, como se observa no gráfico que segue.

**Gráfico 7 - Distribuição de sexo de jovens até 25 anos ingressantes por campus**



Fonte: Fuvest

Esses jovens são oriundos em sua maioria de famílias cujos pais e mães tem nível superior completo, com índices para os pais de 49,4% em 2000, 33,3% em 2005 e 47,71% em 2010 e para as mães, 45,7% em 2000, 32,6% em 2005 e 51,0% em 2010 como se observa nas tabelas abaixo. É interessante notar que apenas em 2010 as mães aparecem com maiores índices de escolarização que os pais, embora ainda haja maiores índices de mestrado e doutorado entre os pais.

O fato de haver maior número de ingressantes cujos pais e mães são mais escolarizados, decorre de desigualdades sociais que se transformam em diferentes investimentos escolares realizados pelas famílias dos estudantes (PORTES, 2001). Esse trabalho pressupõe desde a escolha do estabelecimento de ensino até o modo como ocorrem as relações entre pais e os professores, ajuda nas tarefas e reforço das aprendizagens escolares em casa. Esse autor reitera assim que essas ações são decorrentes da posse de maior capital cultural dessas famílias<sup>5</sup>.

É válido ressaltar que, assim como em dados já analisados, o ano de 2005 tem um caráter um pouco diferente dos outros anos, quando há um maior número de ingressantes jovens cujos pais e mães são pouco escolarizados: 22,8% dos pais não tendo frequentado a escola ou abandonado antes de completar o ensino fundamental e 21,6% das mães nessa mesma situação.

**Tabela 31- Distribuição de jovens de até 25 anos por escolaridade paterna**

Escolaridade	2000	2005	2010
Não Frequentou ou Fund. Incompleto	11,0%	22,8%	7,8%
Fund. Completo	3,2%	5,2%	2,9%
E.M. Incompleto	3,1%	4,5%	3,1%
E.M. Completo	13,1%	18,5%	18,3%
Superior Incompleto	9,6%	8,8%	10,2%
Superior Completo	49,4%	33,3%	47,7%

<sup>5</sup> Capital Cultural é um termo cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu para definir um tipo de capital tão importante quanto o econômico ou o social, sendo portanto um patrimônio mas não no sentido material, supondo estratégias, disposições e investimentos familiares ligados a cultura (Bourdieu, Catani, 1998 e Bourdieu e Passeron, 1975).

Mestrado ou Doutorado	9,3%	5,5%	9,9%
Não Informado	1,3%	1,4%	0,0%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

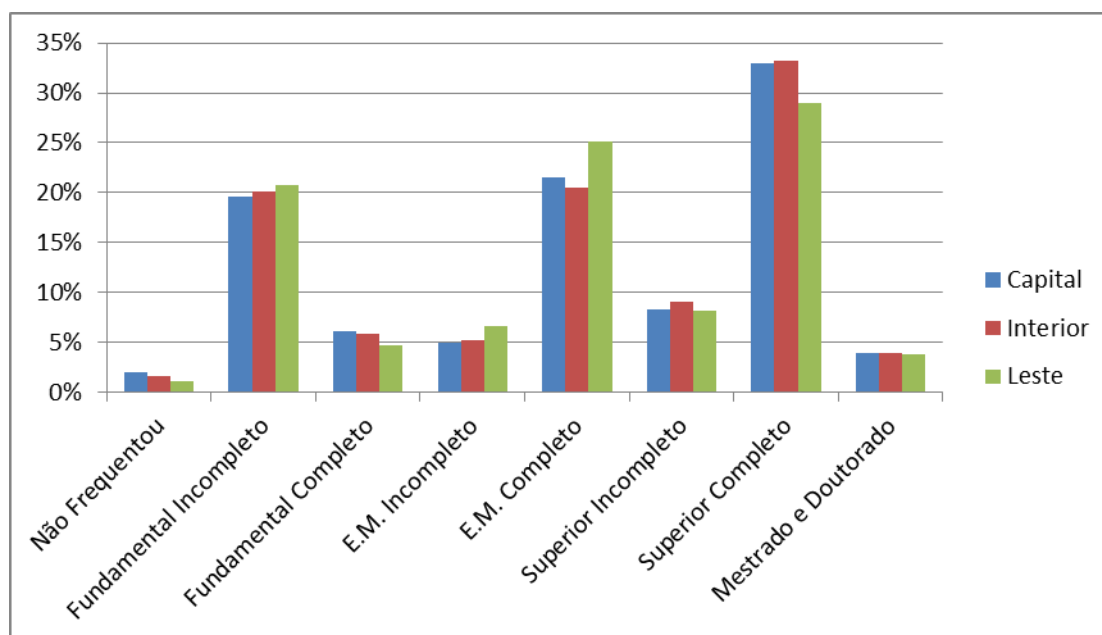
**Tabela 32 - Distribuição de jovens de até 25 anos por escolaridade materna**

Escolaridade Mãe	2000	2005	2010
Não Frequentou ou Fund. Incompleto	11,5%	21,6%	5,6%
Fund. Completo	4,7%	5,9%	2,6%
E.M. Incompleto	4,5%	5,2%	3,7%
E.M. Completo	18,0%	21,6%	20,7%
Superior Incompleto	9,0%	8,5%	9,3%
Superior Completo	45,7%	32,6%	51,0%
Mestrado ou Doutorado	5,6%	3,9%	7,6%
Não Informado	1,0%	0,7%	0,0%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

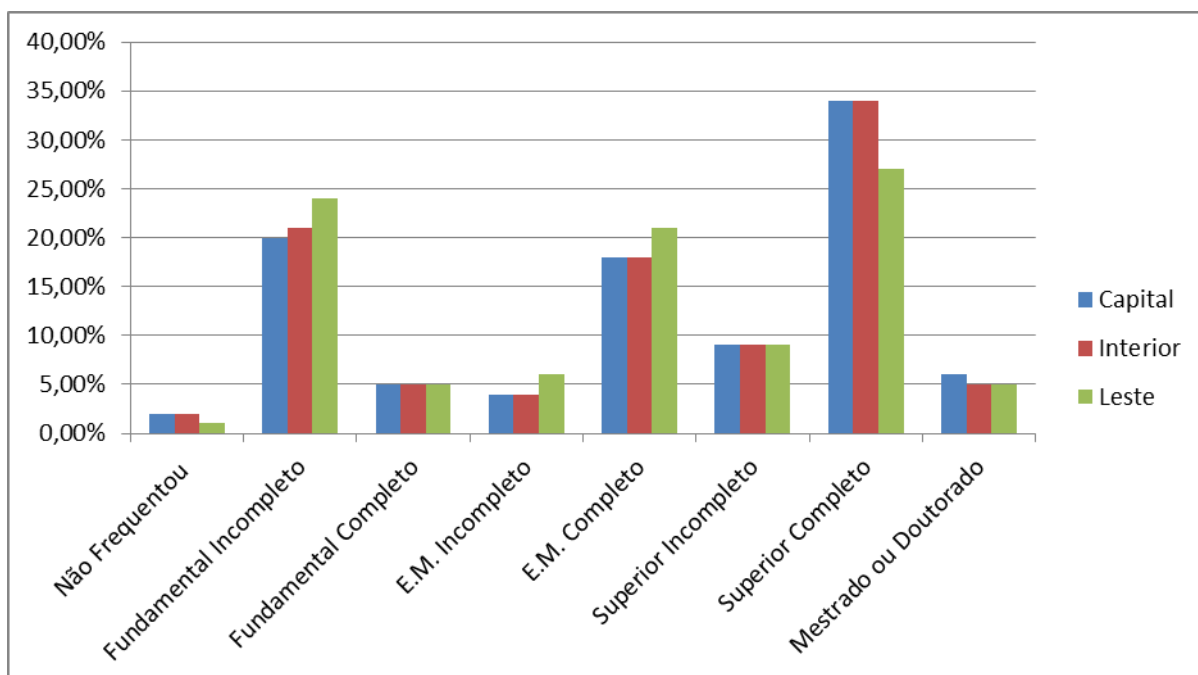
Essa mudança de perfil que se observa pontualmente no ano de 2005 com relação a escolaridade dos pais e mães dos jovens se deu em todos os campi, mas com uma maior intensidade no campus leste, onde foi mais frequente o aparecimento de pais e mães que não finalizaram do ensino fundamental, concluíram apenas o ensino fundamental ou realizaram o ensino médio sem o completar, não tendo ingressado no ensino superior aparecem mais fortemente tanto no perfil da escolarização paterna quanto na da materna. Essas considerações podem ser observadas nos gráficos abaixo.

**Gráfico 8 – Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes por campus segundo escolaridade materna – 2005**



Fonte: Fuvest

**Gráfico 9 - Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes por campus segundo escolaridade paterna - 2005**



Fonte: Fuvest

Os dados apresentados até o momento permitem concluir que a Universidade de São Paulo possui, dentre, os ingressantes, um corpo discente eminentemente jovem, mesmo entre os ingressantes do período noturno e em todos os anos analisados. As mulheres tem tido presença mais acentuada ao longo dos anos investigados, sendo maioria entre os jovens ingressantes dos cursos diurnos no ano de 2010.

Novamente, foi possível observar uma mudança de perfil entre as faixas etárias jovens no ano de 2005, havendo um aumento principalmente entre os jovens com idade de 19 a 21 anos, aumento esse que mesmo mantido no ano de 2010, não atingiu os mesmos índices daquele ano.

Com relação à escolaridade dos pais, pode-se também observar em 2005 uma ligeira mudança de perfil, com o ingresso de jovens cujos pais eram menos escolarizados do que os outros anos. Embora tenha se observado esse fenômeno na USP Leste mais fortemente, ele não foi algo exclusivo dessa unidade. Por outro lado o aumento da escolaridade dos pais em um período de 10 anos pode ser decorrente, também, da expansão das oportunidades de acesso aos sistemas de ensino, verificado em vários indicadores nacionais sobre a educação brasileira.

### 8.1- Os Jovens Ingressantes na USP e sua escolaridade prévia

Trazer alunos da rede pública para a universidade pública tem sido o foco de várias ações do Programa de Acesso e Permanência da Universidade de São Paulo, como já citado em momento anterior deste trabalho.

Embora os relatórios do Inclusp demonstrem algum resultado, como o de contenção de queda dos ingressantes oriundos de escola pública entre os estudantes da USP, por exemplo, os dados analisados demonstram que em 2005, antes da bonificação de 3% no vestibular vigorar (a medida teve início no ano de 2006), houve um aumento importante desse contingente entre os jovens de até 25 anos que foram chamados na primeira lista para os cursos da Universidade de São Paulo, o que não permaneceu em 2010 mesmo com a bonificação em vigor.

Tabela 33 – **Distribuição de tipo de instituição em que os jovens de até 25 anos ingressantes que cursaram o Ensino Médio por ano**

Idade	Tipo de Instituição				Total
	Pública	Particular	Ambas	Outras	
2000	21,1%	72,4%	5,2%	1,3%	100%
2005	38,0%	54,3%	5,7%	2,1%	100%
2010	21,7%	73,3%	4,8%	0,2%	100%

Fonte: Fuvest

No ano 2000 a proporção de jovens ingressantes que realizou seus estudos apenas em escola pública era de 21,1% contra 72,4% que haviam estudado durante a mesma etapa de ensino em instituição privada. O ano de 2005 apresenta dados um pouco mais equilibrados com 54,3% do grupo de até 25 anos vindos de instituição privada contra 38,0% de instituição pública. Já no ano de 2010 a diferença entre pública e privada retorna aos níveis obtidos no ano de 2000 – 73,3% contra 21,7%.



A maioria dos jovens vindos de escola particular é uma constante em todos os anos estudados e permanece quando se restringe o olhar para cada segmento da USP aqui analisado como apresentado na tabela a seguir.

**Tabela 34 - Distribuição de tipo de instituição onde os jovens ingressantes realizaram o ensino médio por campi em cada ano**

	Campus	Tipo de Instituição				Total
		Pública	Particular	Ambas	Outras	
2000	Capital	21,7%	72,1%	4,8%	1,4%	100%
	Interior	18,6%	74,0%	6,8%	0,6%	100%
	Total	21,1%	72,4%	5,2%	1,3%	100%
2005	Capital	38,0%	54,6%	5,3%	2,1%	100%
	Interior	37,6%	54,4%	5,9%	2,0%	100%
	Leste	38,5%	51,2%	8,0%	2,2%	100%
	Total	38,0%	54,3%	5,7%	2,1%	100%
2010	Capital	21,9%	73,0%	4,8%	0,2%	100%
	Interior	20,0%	75,2%	4,7%	0,1%	100%
	Leste	26,2%	69,1%	4,5%	0,2%	100%
	Total	21,7%	73,3%	4,8%	0,2%	100%

Fonte: Fuvest

Entre diversas explicações que se têm sobre essa visível supremacia de alunado vindo de instituições privadas, uma das autoras está no fato de que o alunado “cujas famílias caracterizam-se por terem um capital escolar e um capital econômico altos, e que procuram manter o estatuto sociocultural e o estatuto socioeconômico alcançados” (PIMENTA, 2001, p.91) procuram investir “na educação dos seus filhos e orientando-os para carreiras com mesmo estatuto social e econômico que as ocupações profissionais dos pais” (*ibidem*). Essa autora coloca, portanto que quando há a congruência de capital econômico e capital cultural há o investimento maior em educação, não sendo o capital econômico responsável pelo sucesso escolar dos filhos.

Pimenta (2001) nesse mesmo estudo citado anteriormente quando pesquisa jovens de três tipos de instituições superiores, como pode ser melhor lido no capítulo sobre estudos de jovens universitários da Universidade de São Paulo, coloca também que a

autora notou entre seus entrevistados que muitos escolhiam universidades particulares em detrimento da Universidade de São Paulo pelo fato de que as primeiras possuíam várias unidades espalhadas pela cidade, dentre as quais o aluno poderia escolher a que se localizava mais perto do local de trabalho ou da residência do estudante, enquanto a USP da capital se concentrava fundamentalmente na zona oeste da cidade de São Paulo, portanto com menos facilidade de acesso. Assim, o aumento de ingressantes oriundos de escola pública no ano de 2005 também poderia ser explicado pela criação do campus na zona leste da cidade. No entanto, essa autora aponta que a escolha da USP tem a ver principalmente com os investimentos derivados do capital cultural dos pais.

E de fato é visível que o aumento da participação de jovens que realizaram seus estudos de Ensino Médio na escola pública e ingressaram na USP no ano de 2005 se dá em todos os campi analisados, sendo que a USP Leste concentrou a maioria dos jovens com esse perfil, com um índice não muito maior que o encontrado na Capital (apenas 0,45% a mais), e dessa maneira a abertura de vagas na zona leste da cidade de São Paulo não pode ser colocado como o único fator responsável por essa mudança de perfil no ano de 2005.

Também é necessário levar em conta os achados de algumas pesquisas, como a de Carvalho (2004), sobre a relação entre a classe média e a escolarização, onde foram observados o uso de meios não convencionais para favorecer o sucesso dos filhos, como a frequência ao ensino supletivo para o término do ensino médio, enquanto se investia em modos de treinos (aqui entendeu-se como cursinhos preparatórios) a fim de se atingir mais rapidamente e de modo mais eficaz o lugar no ensino superior de uma instituição renomada. Assim, esse maior índice de aprovados do vestibular oriundos da escola pública em 2005, e mesmo os índices menores de 2000 e 2010 sozinhos não garantem uma democratização dessa universidade.

Observa-se na tabela abaixo uma mudança do perfil dos jovens oriundos de escola pública. Enquanto em 2000 a maioria deles (52,6%) se enquadrava na faixa etária de 19 a 21 anos, mostrando que ou eram alunos com uma escolarização mais intermitente ou que tiveram uma pequena parada entre o ingresso na Universidade e o fim de sua escolarização básica; em 2005 54,5% dos ingressantes cujos estudos se deram em instituição pública são os jovens recém saídos da educação básica sem intercorrências em sua instrução, e apesar de em 2010 o índice ter baixado um pouco, esse perfil mantém a maioria (45,2%).

**Tabela 35 - Distribuição de faixa etária dos jovens de até 25 anos ingressantes por tipo de escola onde realizaram o ensino médio em cada ano**

	Idade	Tipo de Instituição				Total
		Pública	Particular	Ambas	Outras	
2000	Até 18 anos	29,9%	63,7%	48,3%	36,5%	55,4%
	De 19 a 21 anos	52,6%	30,6%	36,6%	40,0%	35,7%
	De 22 a 25 anos	17,5%	5,6%	15,1%	23,5%	8,9%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%
2005	Até 18 anos	54,5%	52,5%	51,9%	56,6%	53,3%
	De 19 a 21 anos	36,6%	37,7%	35,0%	31,9%	37,0%
	De 22 a 25 anos	8,9%	9,8%	13,1%	11,5%	9,7%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%
2010	Até 18 anos	45,2%	63,3%	52,8%	36,8%	58,8%
	De 19 a 21 anos	39,1%	30,1%	35,9%	52,6%	32,4%
	De 22 a 25 anos	15,7%	6,5%	11,3%	10,5%	8,7%
	Total	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Entretanto, nota-se uma participação muito maior (acima dos 63% em 2000 e 2010 e acima dos 50% em 2005) dos jovens recém saídos do Ensino Médio entre os ingressantes que realizaram todos os anos dessa etapa de escolarização em instituições privadas.

É interessante notar o ligeiro envelhecimento dos jovens oriundos da escola particular que há em 2005, possivelmente demonstrando a entrada na universidade de um alunado com escolaridade menos linear.

Jovens oriundos de instituição privada não estão exclusivamente nos cursos realizados no período diurno. Eles são maioria no período noturno também (62,2% no ano de 2000, 51,5% no ano de 2005 e 64,7% no ano de 2010) embora os índices de jovens vindos de escola pública sejam um pouco maiores entre os ingressantes nos cursos realizados no período noturno, como se pode observar nas tabelas abaixo.

**Tabela 36 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes no período noturno por tipo de instituição em que realizou o Ensino Médio em cada ano**

Tipo de Instituição	Ano		
	2000	2005	2010
Pública	31,6%	40,6%	29,3%
Particular	60,2%	51,5%	64,7%
Ambas	6,5%	5,6%	5,8%
Outras	1,6%	2,3%	0,2%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 37 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes no período diurno por tipo de instituição em que realizou o Ensino Médio em cada ano**

Tipo de Instituição	Ano		
	2000	2005	2010
Pública	17,4%	36,4%	18,4%
Particular	76,7%	56,1%	77,2%
Ambas	4,7%	5,6%	4,3%
Outras	1,1%	1,9%	0,2%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Por meio dessas tabelas também é possível notar que o aumento de jovens da rede pública de ensino entre ingressantes no ano de 2005, já analisado anteriormente, se deu

em ambos os períodos, mas com mais intensidade no período diurno se comparado aos outros anos, embora o período noturno ainda tenha maior concentração, uma vez que 40,6% dos jovens ingressantes no período noturno sejam vindos de escola pública contra 36,4% do diurno com esse mesmo perfil.

Nesse ano de maior intensidade de alunos vindos da escola pública (2005), os cursos do período noturno que abrigaram mais desses jovens proporcionalmente foram os localizados nos campi da USP no interior do estado de São Paulo, enquanto os cursos de período diurno em que eles mais ingressaram se localizavam na unidade da USP da zona leste da cidade de São Paulo, como se observa na tabela a seguir.

**Tabela 38 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes em cada período e em cada campi por tipo de instituição em que realizou o Ensino Médio – 2005**

	Período					
	Diurno			Noturno		
Campus	Capital	Interior	Leste	Capital	Interior	Leste
Pública	36,50%	35,10%	52,10%	39,80%	46,10%	36,10%
Particular	56,10%	57,20%	42,00%	53,10%	45,70%	51,90%
Ambas	5,50%	5,80%	5,90%	4,90%	6,10%	8,90%
Outras	1,90%	2,00%	0,00%	2,20%	2,10%	3,20%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Não se observa o mesmo perfil nos cursos do Interior em 2010. Com índices muito maiores de estudantes oriundos de escolas particulares em ambos os períodos tanto dos cursos da Capital, do Interior e da USP Leste, as maiores concentrações de jovens vindos de escola pública se deram na USP Leste tanto no período diurno quanto no período noturno.

O aumento de vagas que houve em todos os campi aqui analisados entre os anos de 2000 e 2005 e a divulgação pela mídia desse aumento podem ser a explicação para o

aumento de procura e conseqüente ingresso de jovens de escola pública em todos os campi em 2005, ano anterior às medidas do Inclusp.

**Tabela 39 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes em cada período e em cada campi por tipo de instituição em que realizou o Ensino Médio - 2010**

Tipo de Instituição	Período	Diurno			Noturno		
	Campus	Capital	Interior	Leste	Capital	Interior	Leste
Pública		18,2%	17,7%	22,0%	29,5%	27,1%	32,7%
Particular		77,4%	77,7%	73,6%	64,1%	67,5%	62,2%
Ambas		4,1%	4,6%	4,2%	6,3%	5,1%	4,8%
Outras		0,3%	0,1%	0,2%	0,1%	0,3%	0,3%
Total		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Existem escolas de ensino médio públicas de referência, tal como a IFSP (Instituto Federal de Ciência e Tecnologia, antigo CEFET), e outras escolas federais de outros estados brasileiros, que tem alcançado pontuações altas em avaliações nacionais, como no Exame Nacional de Ensino Médio, o ENEM, por exemplo. Em geral, além de contarem maior orçamento, promovem uma seleção nos moldes de um exame vestibulinho como modo de ingresso, recrutando um grupo de estudantes com bom aproveitamento dos estudos da etapa de ensino anterior do Ensino Fundamental.

No entanto, como se observa na tabela abaixo, não é desse tipo de escola pública de que a maioria de jovens ingressantes tem vindo.

**Tabela 40 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes oriundos de Escola Pública por dependência administrativa em cada ano**

Ano	Escola Pública		
	Municipal ou Estadual	Federal	Total
2.000	86,2%	13,8%	100%
2.005	97,2%	2,8%	100%
2.010	85,8%	12,8%	100%

Fonte: Fuvest

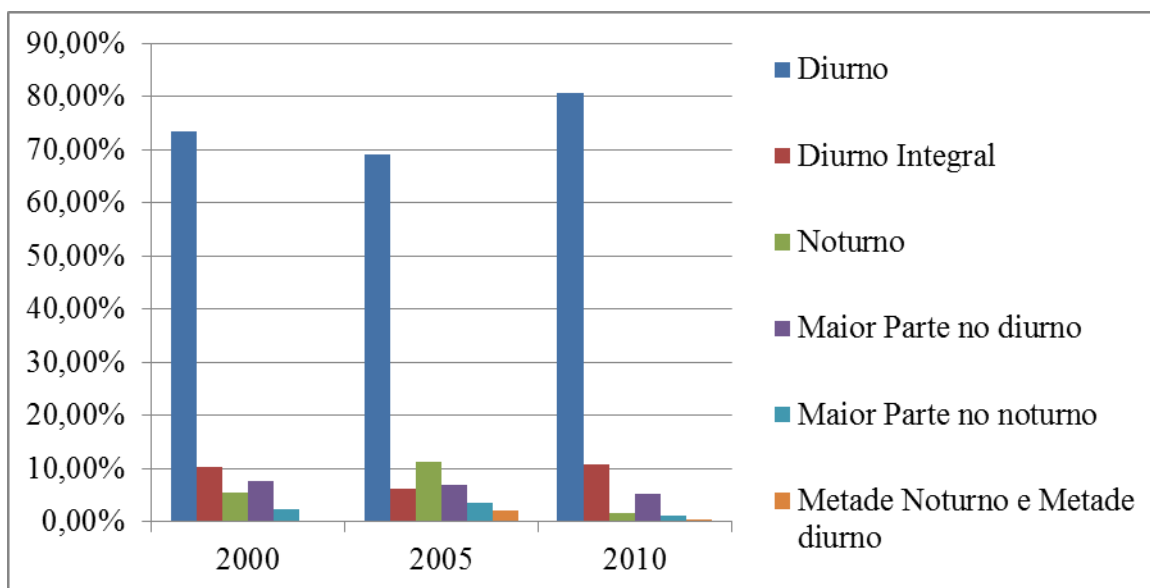
Mesmo com essa pequena participação em todos os anos analisados, é interessante notar o que acontece no ano em que há uma maior participação de alunos oriundos da rede pública em geral, o ano de 2005 como já citado anteriormente. Esse ano foi também o ano cujos alunos vindos da escola pública federal (sendo esse o tipo de escola pública mais elitista, devido aos motivos explicados acima) tiveram proporcionalmente menor participação entre esse grupo, não atingindo a marca de 3%, como é possível perceber através da tabela acima.

No entanto, faz-se necessário a ressalva de que não é possível através dos dados da Fuvest mapear o número de jovens ingressantes oriundos de Escolas Técnicas Estaduais (as conhecidas ETECs) ligadas ao Centro Paula Souza, cujas notas nas avaliações nacionais tem sido tão altas quanto as obtidas pelos alunos da IFSP e de outras escolas federais de ensino médio.

Outra questão sobre a escolaridade imediatamente anterior desses jovens que é importante de ser analisada é o período em que a autora se deu.

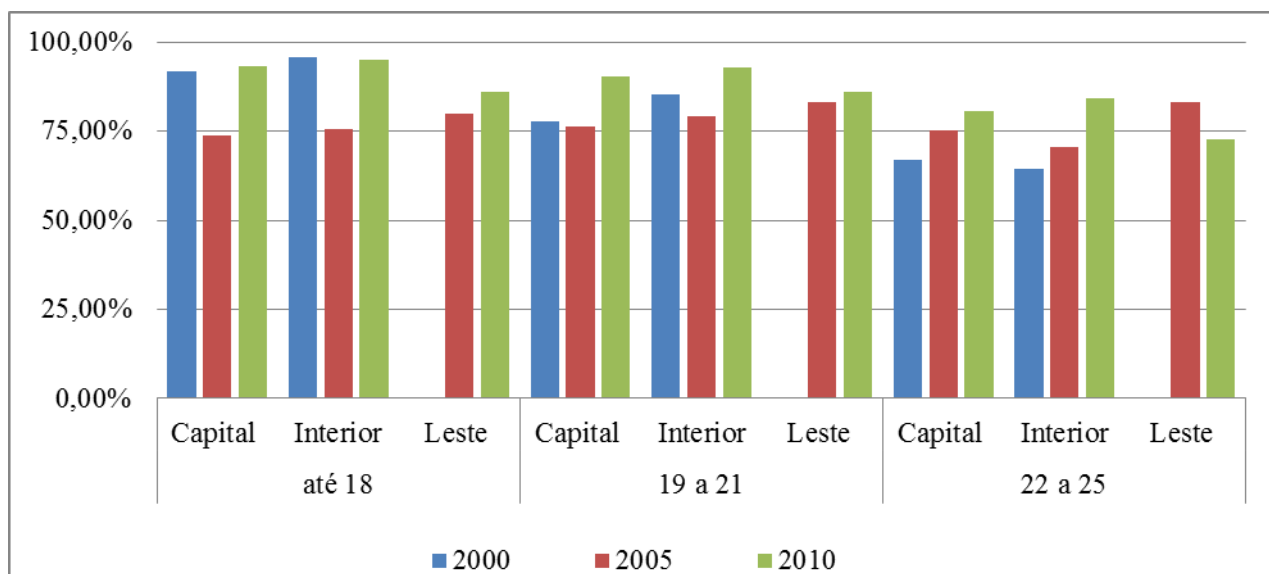
No gráfico apresentado abaixo é possível observar que em todos os anos analisados, os jovens que ingressaram na Universidade de São Paulo em primeira chamada realizaram seus estudos de Ensino Médio fundamentalmente no período diurno, sendo esses 73,4% no ano de 2000, 69,0% em 2005 e 80,8% no ano de 2010. Assim, vê-se uma leve diminuição nos ingressantes cujos estudos foram realizados no período diurno no ano de 2005, e isso foi acompanhado de um ligeiro aumento dos jovens que haviam estudado no período noturno, sendo nesse ano observado o maior índice desse tipo de perfil, 11,2%, entre os três anos.

**Gráfico 10 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes por período em que realizaram o Ensino Médio em cada ano**



Fonte: Fuvest

**Gráfico 11 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes que realizaram o Ensino Médio no período Diurno segundo faixa etária em cada campus em cada ano**



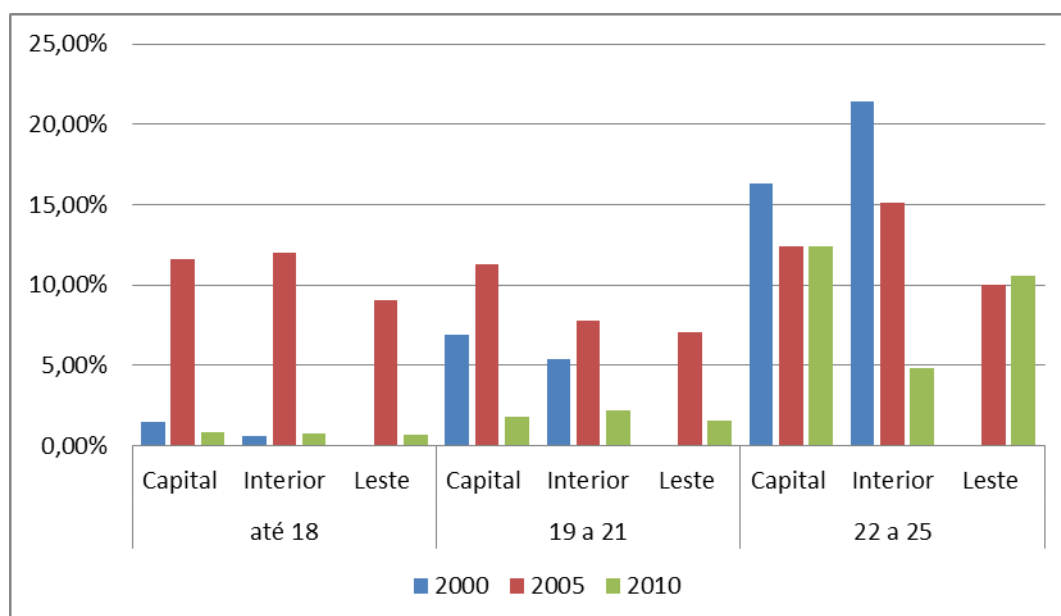
Fonte: Fuvest



Essa maioria que realizou o Ensino Médio no período diurno, tanto integral quanto o convencional, está presente em todas as faixas etárias e em todos os campi nos três anos, com índices acima dos 50%, embora seja notável o aumento desse perfil no ano de 2010 em relação ao ano de 2005 nos campi Interior e Capital em todas as faixas etárias, e na USP Leste nas faixas mais novas. Entre a faixa mais velha, há um aumento progressivo de jovens cujos estudos se deram no período diurno na Capital e no Interior, enquanto nas faixas mais novas há um pontual decréscimo de índices desse perfil em 2005.

Quanto aos índices dos jovens cujos estudos do ensino médio se deram no período noturno, são mais elevados entre os mais velhos, entre 22 e 25 anos em todos os anos e em todos os campi.

**Gráfico 12 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes que realizaram o Ensino Médio no período Noturno segundo faixa etária em cada campus em cada ano:**



Fonte: Fuvest

Esses índices maiores de escolaridade no período noturno entre os jovens ingressantes mais velhos leva a crer que trata-se de indivíduos inseridos no mercado de trabalho desde quando cursavam o ensino médio, tendo havido uma possível parada em seus estudos devido ao trabalho.

Apesar de haver essa supremacia de jovens mais velhos com esse perfil, é interessante notar que no ano de 2005 há um aumento em relação a 2000 e que não se mantem em 2010 de uma população mais nova, de até 18 anos, com característica de estudante noturno, e observa-se o mesmo com os ingressantes com idade entre 19 e 21 anos.

Se se tem o curso de ensino médio noturno muito associado ao ingresso precoce no mercado de trabalho e a trajetórias escolares irregulares e não muito bem sucedidas, segundo Pucci (1994) apud Silva (2000):

“O ensino noturno, portanto, não é uma escolha: é a única alternativa de que pode lançar mão o trabalhador, na tentativa, em grande medida frustrada, de conciliar duas jornadas: a de trabalho e a de estudo.”. (p.56).

Então se entende que esses estudantes do período noturno durante o ensino médio mais jovens, que ingressaram na Universidade de São Paulo no ano de 2005 como um jovem universitário atípico, que ingressou cedo no mercado de trabalho, concilia escola e trabalho com dificuldade e, no entanto vislumbrou a universidade como continuidade de seus estudos, e obteve êxito no exame vestibular, ingressando de fato na Universidade de São Paulo.

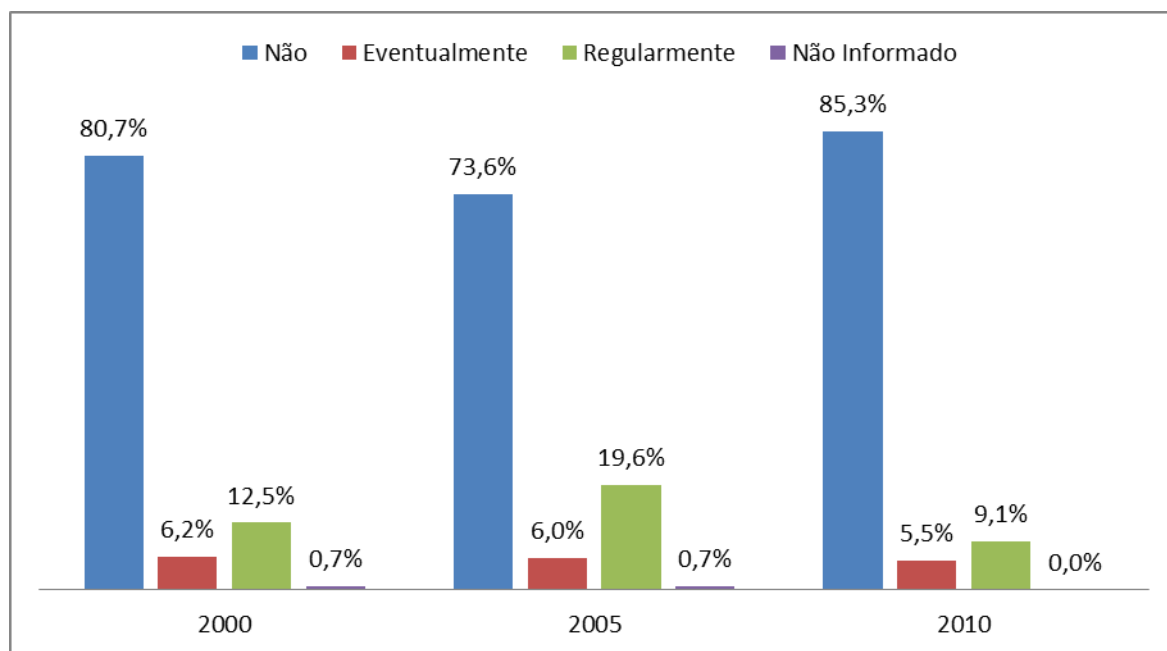
Em resumo, observa-se no ano de 2005 um aumento de jovens ingressantes vindos do ensino médio noturno e de escola pública, de modo, que nesse ano, a USP conseguiu atingir um perfil de jovem que em outros anos não entrariam nessa universidade. Esse ano consolidou um processo recente de expansão de novas vagas e foi anterior às medidas do Inclusp, como foi observado. No entanto, as ações que levaram isso acontecer não tiveram o mesmo impacto no ano de 2010, fazendo com que

se retornasse a índices muito parecidos de escola particular e ensino diurno que podiam ser vistos no ano de 2000.

## 8.2 - Os Jovens Ingressantes na USP e o mundo do trabalho

Embora estudos recentes tal como o de Corrochano, Ferreira, Freitas e Souza (2008) apontem para o fato de que a grande maioria dos jovens brasileiros está inserida no mercado de trabalho, entre os jovens que ingressam na Universidade de São Paulo observa-se o inverso: a maior parte deles não exerce qualquer tipo de atividade remunerada no momento da primeira matrícula. Isso pode ser observado nos três anos analisados, cujos índices que revelaram esse perfil estiveram acima dos 70%, tendo atingido o patamar de 85,32% em 2010, como é possível notar no gráfico abaixo:

Gráfico 13 - **Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes segundo o exercício de atividade remunerada no momento da inscrição para o vestibular**



Fonte: Fuvest

Reiterando a tendência observada nas descrições realizadas até o momento, 2005 é o ano que apresenta maior índice de jovens trabalhadores entre os ingressantes, havendo pouco mais de 25% de sua população jovem com esse perfil, sendo 6,0% os que dizem trabalhar eventualmente e 19,6% os que dizem trabalhar regularmente.

**Tabela 41 - Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes segundo o exercício de atividade remunerada no momento da inscrição para o vestibular por faixa etária em cada ano**

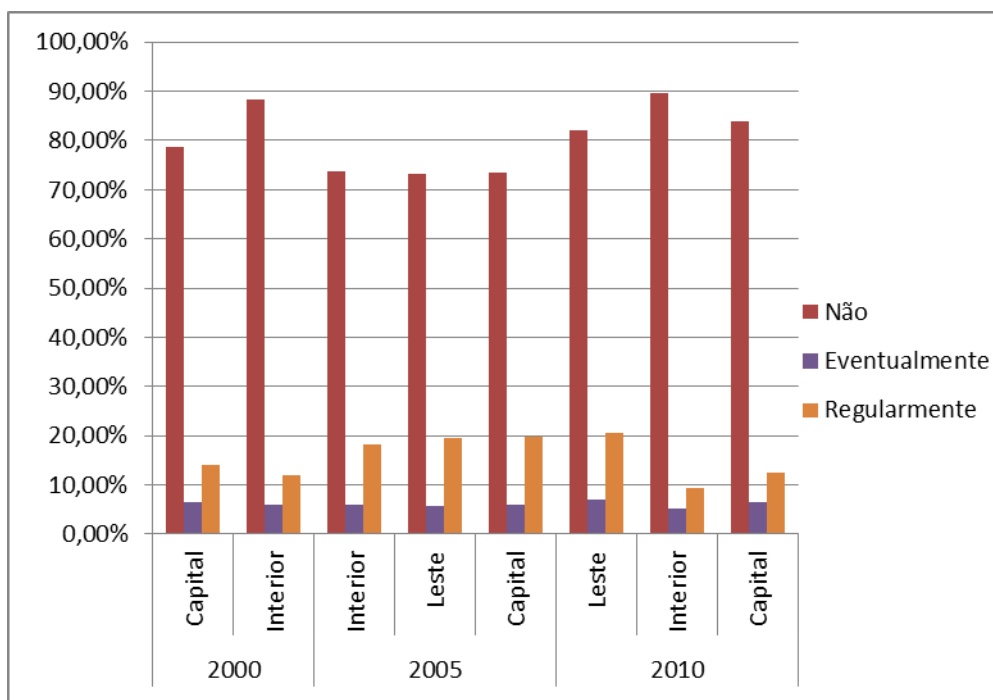
		Faixa etária	Exercício de Atividade Remunerada			Total
			Não	Eventualmente	Regularmente	
Ano	2000	Até 18 anos	62,2%	45,6%	16,9%	55,5%
		De 19 a 21 anos	33,8%	38,6%	47,0%	35,7%
		De 22 a 25 anos	4,0%	15,7%	36,1%	8,9%
		Total	100%	100%	100%	100%
	2005	Até 18 anos	52,9%	52,17%	52,85%	53,3%
		De 19 a 21 anos	37,3%	38,23%	37,36%	37,0%
		De 22 a 25 anos	9,8%	9,60%	9,79%	9,5%
		Total	100%	100%	100%	100%
	2010	Até 18 anos	63,9%	43,6%	62,6%	58,8%
		De 19 a 21 anos	31,5%	37,0%	31,9%	32,4%
		De 22 a 25 anos	4,6%	19,4%	5,5%	8,7%
		Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Esse grupo que não exerce nenhum tipo de atividade remunerada é composto, em todos os anos analisados, principalmente por jovens recém saídos do ensino médio. Gozando de uma moratória em relação ao trabalho, essa população tem o ensino superior como uma extensão da sua escolarização básica.

No entanto, nota-se que entre o grupo que trabalha regularmente os jovens de até 18 anos passaram a compor com mais da metade, a partir do ano de 2005, fato que se acentuou em 2010.

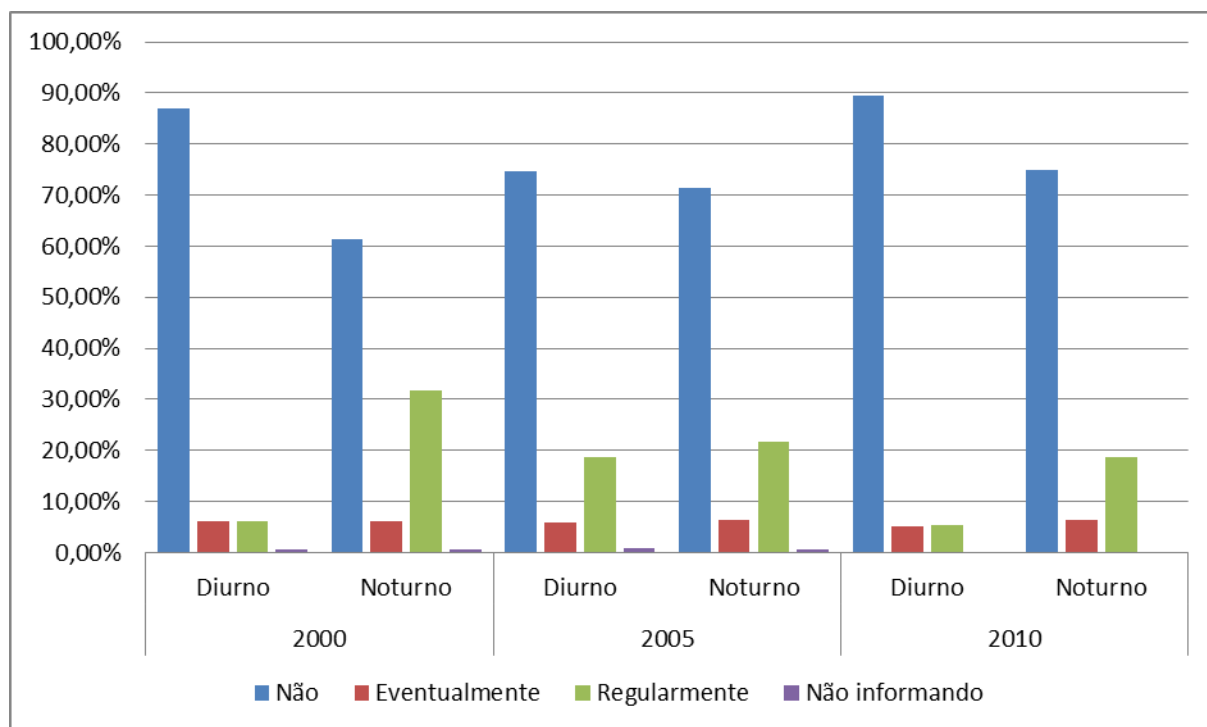
**Gráfico 14 – Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes segundo o exercício de atividade remunerada no momento da inscrição para o vestibular por campus em cada ano**



Fonte: Fuvest

Os cursos que se localizam nas unidades da Universidade de São Paulo no interior do estado são os que mais recebem jovens que não exerciam atividade remunerada no momento da inscrição. Isso pode ser percebido nos três anos estudados, muito embora no ano de 2005 não fique tão evidente, já que enquanto 73,8% dos jovens que lá ingressaram tinham esse perfil, na USP Leste eram 73,3% e na Capital eram 73,6%. Em 2005 os três locais receberam um maior número de jovens que tinham uma atividade remunerada regular, tendo destaque a Capital, cuja população com esse perfil compôs 19,8% do seu contingente jovem.

**Gráfico 15- Distribuição de jovens de até 25 anos ingressantes segundo o exercício de atividade remunerada no momento da inscrição para o vestibular por período**



Fonte: Fuvest

Embora haja uma grande parte dos jovens ingressantes em cursos do período noturno de todos os anos analisados que declaram não exercer qualquer tipo de atividade remunerada no momento da inscrição do vestibular, a população com esse perfil ingressante em cursos diurnos é bem maior que essa primeira nos anos de 2000 e 2010, sendo em 2005 um ano em que esse perfil aparece com peso quase igual nos dois períodos. Interessante notar um aumento gradual da proporção de jovens ingressantes em cursos no período noturno que não exerce atividade remunerada.

**Tabela 42 - Distribuição dos jovens ingressantes de até 25 anos que trabalham regularmente por quantidade de horas trabalhadas semanalmente**

		Horas Semanais			Regularmente
		Até 20	De 21 a 32	Mais de 32	
Ano	2000	24,0%	17,0%	59,0%	100%
	2005	16,8%	14,7%	68,5%	100%
	2010	28,9%	19,8%	51,2%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 43 - Distribuição por período dos jovens ingressantes de até 25 anos que trabalham regularmente por quantidade de horas trabalhadas semanalmente**

		Horas Semanais			Regularmente
		Até 20	De 21 a 32	Mais de 32	
2000	Período Diurno	43,2%	17,6%	39,2%	100%
	Período Noturno	16,6%	16,7%	66,7%	100%
2005	Período Diurno	16,3%	15,6%	68,1%	100%
	Período Noturno	17,8%	12,8%	69,4%	100%
2010	Período Diurno	41,2%	19,4%	39,4%	100%
	Período Noturno	20,1%	20,1%	59,8%	100%

Fonte: Fuvest

Entre os alunos que possuem uma atividade remunerada regular, nota-se que exceto no período diurno do ano de 2000, a uma maior presença dos que trabalham mais de 32 horas semanais no momento de inscrição do vestibular entre os ingressantes de ambos os períodos, com maior força no ano de 2005, quando esses jovens representavam 68,6% dos ingressantes do período noturno com alguma atividade remunerada regular e 68,1% dos ingressantes do período diurno com esse mesmo perfil.

Nesse ano, 2005, esses trabalhadores com jornada de mais de 32 horas semanais de trabalho que ingressaram na Universidade de São Paulo eram em sua maioria jovens de até 18 anos, como se observa na tabela abaixo, ou seja, haviam acabado de concluir o ensino médio. Não se constata isso nem em 2010 quando os jovens com jornadas mais longas de trabalho são os mais velhos, entre 22 e 25 anos, e assim tem-se duas hipóteses: ou trata-se de jovens que abandonaram temporariamente seus estudos e o



retomaram após uma maior estabilidade financeira ou são indivíduos já graduados que ingressaram num segundo curso superior.

Em 2000 a maioria desses jovens com longas jornadas de trabalho estava na faixa intermediária, entre 19 e 21 anos.

**Tabela 44- Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes que trabalham regularmente por faixa etária em cada ano**

Ano	Faixa etária	Horas Semanais			Regularmente
		Até 20	De 21 a 32	Mais de 32	
2000	Até 18 anos	30,9%	15,8%	10,7%	16,9%
	De 19 a 21 anos	43,5%	54,0%	46,5%	47,0%
	De 22 a 25 anos	25,6%	30,2%	42,8%	36,1%
	Total	100%	100%	100%	100%
2005	Até 18 anos	51,5%	55,7%	56,1%	52,8%
	De 19 a 21 anos	38,5%	32,5%	35,7%	37,4%
	De 22 a 25 anos	10,0%	11,8%	8,2%	9,8%
	Total	100%	100%	100%	100%
2010	Até 18 anos	38,1%	21,9%	10,9%	62,6%
	De 19 a 21 anos	36,5%	36,0%	39,6%	31,9%
	De 22 a 25 anos	25,4%	42,1%	49,6%	5,5%
	Total	100%	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

O mesmo se observa quanto aos jovens de até 18 anos trabalhadores com jornada de até 20 horas semanais e com jornadas entre 20 e 32 horas semanais. Em ambos os casos, eles aparecem como maioria no ano de 2005, sendo minoria entre os trabalhadores tanto no ano de 2000 quanto em 2010.

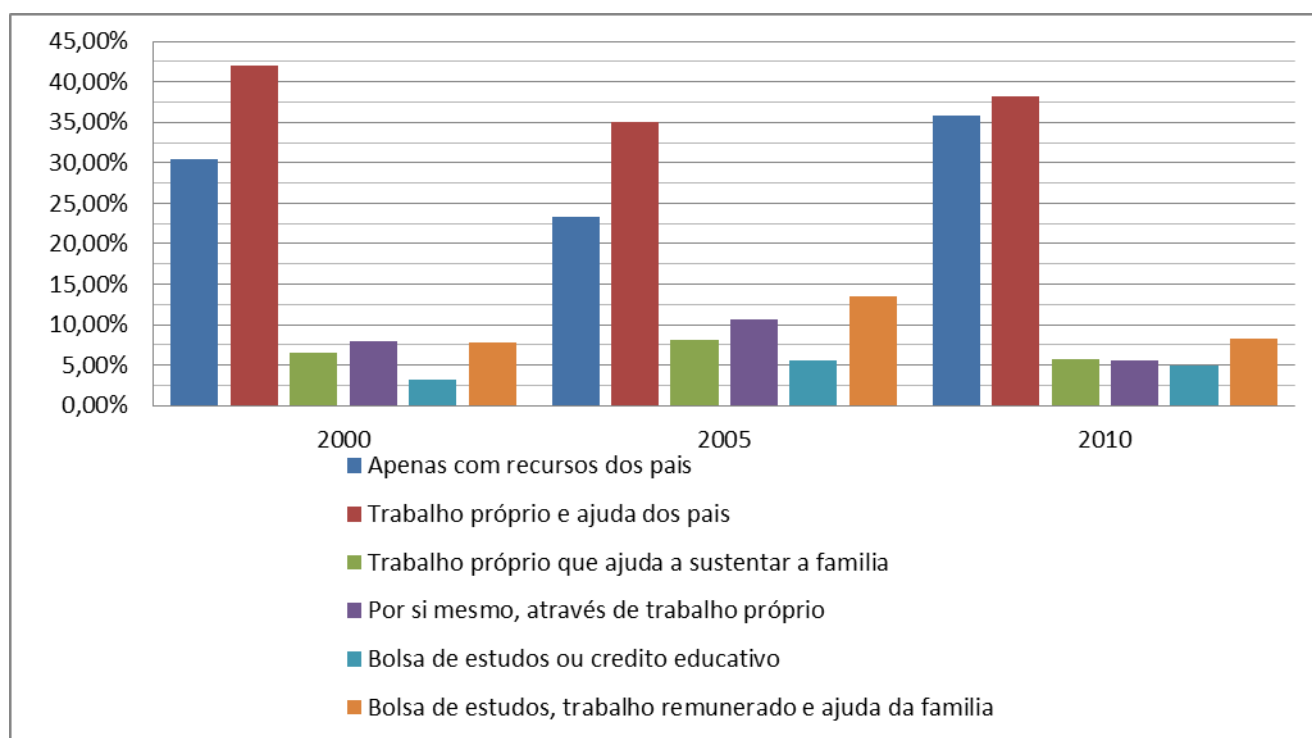
Entre os jovens que trabalham menos de 20 horas semanais, nos anos de 2000 e 2010 a maioria não é se encontra entre a faixa etária mais velha aqui colocada, mas sim entre a faixa intermediária, ou seja, entre os jovens de 19 a 21 anos.

Tal como se pode observar em relação à escolaridade anterior dos jovens ingressantes, percebe-se aqui que a Universidade de São Paulo conseguiu realizar uma inclusão de um perfil diferenciado de jovem em seu alunado no ano de 2005 em relação

ao período anterior estudado, embora esse perfil não tenha se mantido nas mesmas proporções no ano de 2010.

Embora a maioria desses jovens que ingressaram na USP universidade não realizasse qualquer tipo de atividade remunerada no momento da inscrição do exame vestibular, a expectativa da maioria deles nesse mesmo momento era de que sua manutenção financeira durante o período de realização do curso de graduação se desse através do trabalho próprio aliado a ajuda dos pais. Esse discurso esteve presente entre 38,3% dos jovens ingressantes no ano de 2000, 35% em 2005 e 42% em 2010, como é possível observar no gráfico que segue.

**Gráfico 16 - Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes pelo modo que pretendem se manter na universidade em cada ano**



Fonte: Fuvest

A manutenção apenas com recursos paternos é a segunda alternativa mais citada em todos os anos. Essa opção sofreu uma notável queda de frequência no ano de 2005, mas surgiu com ainda mais intensidade no ano de 2010.

A opção de se manter através de bolsa ou crédito educativo é pouco frequente em todos os anos, não alcançando em nenhum deles a marca de 6%. No entanto a autora aparece ligeiramente mais forte (cerca de 1% a mais que nos outros anos) no ano de 2005. O mesmo pode ser observado em relação a alternativa que versa sobre o sustento através do trabalho próprio que ajudaria no sustento familiar e na alternativa sobre o sustento pro si próprio, a partir do próprio trabalho. A única diferença é que a primeira aqui citada tem queda de frequência menor em 2010, tendo seu índice nesse ano maior do que em 2000, e com as duas últimas observa-se exatamente o contrário: no ano de 2010 suas frequências caem, ficando menos frequentes do que eram no ano de 2000.

A alternativa que aglutina as opções de bolsa, trabalho remunerado e ajuda da família aparece com frequência significativa no ano de 2005 (13,5%) enquanto nos outros anos aparece entre aproximadamente 8% dos jovens.

Se considerarmos o perfil dos ingressantes no curso noturno observamos, por exemplo, no ano de 2010 significativas diferenças entre aqueles que pretendem apenas ser mantidos pela família (20,6%) e os que pretendem trabalhar sem prescindir do apoio familiar para sua manutenção (41,2%) sendo predominante essa expectativa no período do noturno. Do mesmo modo verifica-se que o trabalho aparece como alternativa desejada para cerca de 73% dos alunos do período noturno diante de índices significativamente menores para os inscritos no período diurno (cerca de 52%<sup>66</sup>). É importante observar que mesmo sendo uma população que majoritariamente não trabalha no momento do ingresso, gozando de certa moratória, os jovens matriculados constroem expectativas de trabalho ao longo do curso de graduação.

---

<sup>66</sup> Essas porcentagens significam a soma de todas as alternativas em que a dimensão do trabalho aparece, mesmo que combinada com outras condições.

**Tabela 45 - Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes no período noturno de cada ano pelo modo que pretendem se manter na universidade**

Modo	2000	2005	2010
Apenas com recursos dos pais	12,1%	22,3%	20,7%
Trabalho próprio aliado a recursos paternos	38,1%	36,5%	41,2%
Trabalho próprio que ajuda no sustento da família	11,5%	8,5%	10,6%
Por si mesmo com recursos oriundos do trabalho remunerado	27,4%	10,2%	12,7%
Bolsa de estudos / crédito educativo	2,1%	5,8%	5,2%
Bolsa de estudos, trabalho próprio e recursos paternos	6,8%	12,5%	8,31%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

**Tabela 46 - Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes no período diurno de cada ano pelo modo que pretendem se manter na universidade**

Modo	2000	2005	2010
Apenas com recursos dos pais	35,9%	23,7%	41,8%
Trabalho próprio aliado a recursos paternos	41,9%	34,5%	37,0%
Trabalho próprio que ajuda no sustento da família	5,0%	7,8%	3,8%
Por si mesmo com recursos oriundos do trabalho remunerado	3,8%	10,8%	3,0%
Bolsa de estudos / crédito educativo	3,4%	5,4%	4,8%
Bolsa de estudos, trabalho próprio e recursos paternos	7,7%	13,8%	8,3%
Total	100%	100%	100%

Fonte: Fuvest

Fica perceptível um aumento de frequência do discurso sobre a independência financeira em relação aos recursos paternos entre os jovens ingressantes do período diurno no ano de 2005. No entanto, nesse mesmo ano há um aumento de 10% na frequência do discurso dos jovens do período noturno com relação ao não trabalho e a dependência financeira dos pais.

Os dados do gráfico inicial que demonstra o perfil geral por ano aponta que ser mantido apenas com recursos dos pais durante a graduação que se apresenta como a segunda expectativa mais frequente em todos os anos no quadro geral, figura nos cursos do Interior do estado no ano de 2010 como o discurso mais frequente entre os jovens,

sendo a resposta de 40,4% dos ingressantes de cursos nesse local cujas idades não ultrapassam os 25 anos, enquanto no mesmo ano na Capital esse mesmo perfil aparece com frequência igual a 33% e 24,4% no campus localizado na zona leste da cidade de São Paulo.

**Tabela 48 - Distribuição dos jovens de até 25 anos ingressantes pelo modo que pretendem se manter na universidade em cada campus e em cada ano**

Modo	2000		2005			2010		
	Interior	Capital	Interior	Capital	Leste	Interior	Capital	Leste
Apenas com recursos dos pais	23,2%	28,6%	23,2%	23,3%	23,1%	44,4%	33,0%	24,4%
Trabalho próprio e ajuda dos pais	28,6%	43,2%	34,4%	35,1%	35,4%	31,2%	41,1%	44,6%
Trabalho próprio que ajuda a sustentar a família	3,6%	7,3%	8,9%	7,8%	7,1%	2,6%	6,9%	9,3%
Por si mesmo, através de trabalho próprio.	14,3%	9,4%	10,9%	10,5%	10,9%	2,6%	6,6%	8,8%
Bolsa de estudos ou crédito educativo	16,1%	2,4%	5,6%	5,4%	6,5%	6,6%	4,2%	3,4%
Bolsa de estudos, trabalho remunerado e ajuda da família.	12,5%	6,8%	13,2%	13,6%	13,2%	10,8%	7,1%	7,5%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Fonte: Fuvest

Embora essa taxa apareça surpreendentemente alta no Interior, no ano de 2000 nesse mesmo local podia ser encontrada uma frequência bem mais baixa (23,2%) de jovens que diziam que se manteriam apenas com recursos dos pais.

O campus Leste da Universidade de São Paulo apresentou índices bem próximos em 2005 e 2010 de jovens que acreditavam que se manteriam apenas com recursos dos pais.

Em síntese, notou-se no ano de 2005 um aumento no número de jovens ingressantes que diziam trabalhar regularmente no momento da inscrição do vestibular.

Observou-se também nesse mesmo ano uma diminuição dos jovens ingressantes que pretendiam se manter apenas com recursos dos pais, havendo um aumento na

frequência daqueles que pretendiam se sustentar sem ajuda nenhuma, apenas com os recursos vindos do próprio trabalho.

Interessante notar que em ambos os casos citados acima, esses aumentos se dão principalmente entre a faixa de até 18 anos, e não se mantêm nos mesmos índices no ano de 2010.

## **9- Considerações Finais**

Nesse trabalho, se pretendia investigar de modo exploratório e descritivo, o perfil da população jovem ingressante nos cursos da Universidade de São Paulo na última década, período no qual muitas ações de expansão de vagas e inclusão social foram tomadas.

Sobre as análises apresentadas, foi possível concluir que o ano de 2005 foi o mais democrático com relação ao perfil de jovens inscritos para o vestibular, com mais abertura para um público jovem heterogêneo, com maiores índices de negros e pardos e aumento significativo de jovens inscritos vindos da escola pública. Sob esses aspectos, mesmo que em menores proporções, o mesmo aconteceu entre os ingressantes desse ano. Ainda observou-se entre os jovens ingressantes de 2005 um aumento nos índices de baixa escolarização dos pais, bem como um maior índice de jovens trabalhadores, jovens que tinham concluído seus estudos da etapa básica no período noturno.

No entanto, não é possível observar o mesmo quadro em 2010. Cinco anos mais tarde dessa abertura que ocorreu em 2005, o perfil dos ingressantes jovens aparece muito próximo do que se observava antes das medidas de ampliação de vagas e de inclusão social vigorarem.

O que nota-se é a relativa heterogeneidade inicialmente observada no início dos anos 2000 não se altera significativamente. Há uma presença majoritária de segmentos privilegiados e setores médios da população e uma presença reduzida dos segmentos mais pobres. Trata-se, de modo geral, de um ingressante oriundo dos grupos sociais privilegiados, brancos em sua maioria, que contam com o apoio financeiro dos pais no momento da inscrição para o vestibular e que não indicam busca de independência financeir, tendo a possibilidade de contar com ajuda financeira dos pais durante toda a graduação (embora muitos vislumbrem essa ajuda como um suplemento a renda obtida por trabalho próprio) e que puderam usufruir de escolas privadas ao menos no fim da

escolarização básica. Isso não significa que não exista casos de jovens de grupos sociais menos privilegiados ingressando na universidade nos anos de 2000, 2005 e 2010, mas principalmente no primeiro e no último ano estudado eles não chegam a um terço da população ingressante e, provavelmente estarão localizados nos discursos menos disputados no momento do vestibular. Por outro lado fica evidente que o rejuvenescimento da população é uma constante, incluindo os inscritos no período noturno, ou seja, trata-se de um aluno que sofreu pouca intercorrência na sua escolaridade inicial.

Não se pode aferir que as medidas tiveram pouco impacto, uma vez que, estudando uma série pequena, de apenas três anos, não há como verificar se esse ano de 2010 revele uma tendência de público ou se foi apenas um ano pontual em que o perfil de jovens apareceu menos heterogêneo. No entanto, tem-se a impressão, a partir dos dados obtidos, que a ampla abertura de vagas no ano de 2005, e possivelmente a divulgação que essa ampliação teve na mídia no ano anterior, teve um impacto mais forte sobre os inscritos, trazendo um número maior de jovens com perfil diferenciado para o exame vestibular, e, embora não nas mesmas proporções, gerou um aumento desse perfil entre os jovens ingressantes nesse mesmo ano.

Vale ressaltar aqui que o grande aumento de matrículas no Ensino Médio no ano de 2003 pode ter influenciado esse aumento de procuras em 2005.

Foi possível notar um aumento progressivo de ingressantes do sexo feminino ao longo dos anos estudados, sendo essas jovens mulheres maioria na população geral do período diurno de 2010. Sob a ótica dos campi, as autoras ainda são minoria na USP Interior, mas aparecem majoritariamente na USP Leste na sua criação, em 2005, e também em 2010.

Pôde ser notado ainda, especialmente nos anos 2000 e 2010, como Zandoná (2005) já havia colocado, a presença de uma seleção anterior ao vestibular, sendo essa



seleção mais forte quanto à distinção sócio e educacional que o próprio exame vestibular, sendo isso observado por essa autora e verificado aqui, uma vez que, quando os diferentes grupos se inscrevem de maneira mais intensa, como ocorreu no ano de 2005, eles têm presença mais intensa também entre os ingressantes, e quando há inscrições mais escassas desses grupos minoritários, eles aparecem mais como estranhos, ou segundo Tarábola (2010), mais “ornitorrincos” entre os ingressantes.

Se tomada a pretensão do jovem em relação ao próprio sustento durante a graduação como meio de analisar sua relação com o mundo do trabalho, tem-se mais de 30% nos anos de 2000 e 2010 e mais de 20% no ano de 2005 dos jovens ingressantes que pretendem se manter apenas com recursos dos pais. Assim, mais de 30% dos ingressantes nos anos de 2000 e 2010 tem condições de estabelecer um elo com o mundo universitário apenas, longe do mundo do trabalho, durante sua graduação e portanto estabelecer um modo de ser jovem estudante universitário como os observados por Bourdieu e Passeron. Dito de outro modo, esse grupo não se constitui a maioria dos que se inscrevem na Universidade de São Paulo.

No entanto, são poucos os que desejam estabelecer uma relação com o mundo do trabalho e necessitam desse como única fonte de renda própria ou fonte de renda para ajuda no sustento da família, sendo ambas as alternativas mais presentes no ano de 2005 que nos outros anos e mesmo nesse ano nenhuma das duas atinge 15% dos jovens. Dessa forma, com muita cautela a autora pode-se concluir para esses jovens o mercado de trabalho durante seus estudos aparece como uma necessidade de manutenção aliada a um ensaio para a independência financeira, e por vontade própria, ao contrário do que era observado por Foracchi (1965).

Como um estudo quantitativo e descritivo, essa pesquisa é limitada e não consegue responder perguntas sobre o perfil de cada um dos segmentos que compõem a

USP no momento do seu ingresso: os jovens oriundos de elites intelectuais e econômicas, os setores médios e os de origem popular.

Nesse estudo, algumas perguntas que não puderam ser analisadas ainda permanecem. A porcentagem de jovens que necessita trabalhar para o sustento da família é maior entre grupos étnicos mais marginalizados? É permitida uma entrada mais tardia no mercado de trabalho para as mulheres? A qual perfil de escolas particulares a maioria desses jovens é oriunda?

Outras, que só o tempo poderá responder, versam sobre qual o real impacto das medidas de inclusão e da ampliação da oferta de vagas quanto ao aumento de demanda dos jovens que necessitam da autoras, e se de fato o ano de 2005 foi um ano atípico. Mas é possível tecer a hipótese de que a efetiva democratização da Universidade parece decorrer principalmente de iniciativas que se orientam para a expansão das vagas e consequente divulgação dessas iniciativas junto ao alunado das escolas públicas, de modo a que os setores populares consigam ver nessa universidade uma alternativa efetiva para a sua escolaridade.

## Referências

- ALMEIDA, Wilson Mesquita de. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. *Caderno CRH*, vol. 20, nº 49, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. IN: Nogueira, M. A. e Catani, A. (orgs) *Escritos de Educação*, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. “O tempo e o espaço no mundo estudantil”. In Ribeiro, Sulamita (org.) - *Sociologia da Juventude IV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- BRAGA, M. M.; PEIXOTO, M. C. L.; BOGUTCHI, T. F. Tendências da demanda pelo ensino superior: um estudo de caso da UFMG. *Cadernos de Pesquisa*. SP, n. 113, p. 129 –152, julho, 2001.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento* (Niterói), Faculdade de Educação da UFF, v. n. 1, p. 11-27, 2000.
- CARVALHO, Cynthia P. *Entre as promessas da escola e os desafios da reprodução social: famílias de camadas médias do ensino fundamental à universidade*. 2004. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- CASTRO, Fabio de. “Expectativas Superadas”. *Jornal da USP*, ano XXI no.741, 17 a 23 de outubro de 2005. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2005/jusp741/pag06.htm>. Acesso em janeiro de 2011.
- COLEMAN, James. “La sociedad adolescente” In Pérez Islas (org) – *Teorias sobre la juventud*. México: Porrúa, 2008.
- CONSELHO NACIONAL DA JUVENTUDE. PEC da Juventude nº 42/2008. O Brasil precisa, a juventude quer. Brasília, maio de 2009. Disponível em: [http://www.secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/PEC%20da%20Juventude%20Revisado\\_05.05.20091.pdf](http://www.secretariageral.gov.br/Juventude/marcos-da-politica-nacional-de-juventude/PEC%20da%20Juventude%20Revisado_05.05.20091.pdf). Acesso em fevereiro de 2012.

EISENSTADT, Shmuel. “Grupos de edades y estructura social: el problema” In Pérez Islas (org) – *Teorias sobre la juventud*. México: Porrúa, 2008

FORACCHI, M. M. *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1965.

FORACCHI, M. M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo, Livraria Pioneira, 1972.

FREITAS, Maria Virgínia de; ABRAMO, Helena Wendel; LEÓN, Oscar Dávila. *Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais*. Ação Educativa. Programa de Juventude. Novembro de 2005. Disponível em : [http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno\\_Juv.pdf](http://www.biblioteca-acaoeducativa.org.br/dspace/bitstream/123456789/2344/1/caderno_Juv.pdf). Acesso em janeiro de 2012

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (Fuvest). Estatísticas dos vestibulares de 2000 a 2010. Disponível em: <http://www.Fuvest.br/vest2011/estat/estat.stm>. Acesso em: 10 de novembro de 2010.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (Fuvest). Manual do Candidato.2000.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (Fuvest). Manual do Candidato.2005.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (Fuvest). Manual do Candidato.2010.

FUNDAÇÃO UNIVERSITÁRIA PARA O VESTIBULAR (Fuvest). Manual do Candidato.2012.

GATTI, Bernardete A. Estudos quantitativos em educação. *Educ. Pesqui.*, Abril de 2004, vol.30, no.1, p.11-30.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas da pesquisa social*. 5 ed. São Paulo. Atlas 1999. GOMES, Alfredo; MORAES, Karine. *A expansão da educação superior no Brasil contemporâneo: Questões para o debate*. 32ª reunião da Anped, 2009. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT11-5848-Int.pdf>. Acesso em 12/05/2011

HALL, Stuart, et al. "Subcultures, cultures and class". In HALL, Stuart e JEFFERSON, Tony (orgs.), *Resistance through Rituals - Youth Subcultures in Post-war Britain*, London: Hutchinson/CCCS, 1975 p.9-74.

LENOIR Remi. "Objeto sociológico e problema social". In *Iniciação à prática sociológica*. RJ: Vozes, 1996.

MANNHEIM, Karl. "O problema da juventude na sociedade moderna". In: *Sociologia da Juventude*. Rio de Janeiro: Zahar, v. 1, 1968.

MARQUES, Fabrício. "Limites desafiados". *Revista Pesquisa Fapesp*, edição impressa 146, abril de 2008. Disponível em: <http://revistapesquisa.fapesp.br/?art=3502&bd=1&pg=1&lg=>. Acesso em janeiro de 2011.

PARENTE, Eduardo A. de M. *Relação entre o desempenho no vestibular e algumas variáveis de capital cultural - uma questão de política da educação superior*. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2000.

PARSONS, Talcott. "A classe como sistema social". In Ribeiro, Sulamita (org.) - *Sociologia da Juventude IV*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968

PARSONS, Talcott. "La edad y el sexo en la estructura social de Estados Unidos" In Pérez Islas (org) - *Teorias sobre la juventud*. México: Porrúa, 2008

PIMENTA, S. G. et.al. *O impacto do Inclusp no ingresso de estudantes da escola pública na USP - análises iniciais*. Pró-Reitoria de Graduação. Disponível em: <http://www.usp.br/Inclusp/site>. Acesso em 07.05.2011.

PIMENTA, S. G. *O impacto do Inclusp no ingresso de estudantes da escola pública na USP (período 2007- 2008)*. Pró-Reitoria de Graduação. Disponível em: <http://www.usp.br/Inclusp/site>.

PORTES, Ecio A. *Trajetórias escolares e vida acadêmica do estudante pobre da UFMG - um estudo a partir de cinco casos*. 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

- POSTMAN, Neil. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.
- SCHWARTZMAN, Simon. “A universidade primeira do Brasil: entre *intelligentsia*, padrão internacional e inclusão social”. *Estudos Avançados* n. 20 (56),2006.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. “Um novo capital cultural: Pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 90, p. 77-105, Jan./Abr. 2005 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em janeiro de 2012.
- SPOSITO, Marília Pontes. Estudos Sobre a Juventude em Educação. In: *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, no 05-06, mai - dez./1997.
- SPOSITO, M.P. “Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil”. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P. P. M. (Org.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo : Instituto Cidadania ; Fundação Perseu Abramo , 2005. p. 87-128.
- TARÁBOLA, Felipe de Souza. *Quando o ornitorrinco vai à universidade: trajetórias de sucesso e longevidade escolares pouco prováveis na USP; escolarização e formação de habitus de estudantes universitários das camadas populares*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- UNESCO/I.A.U., *Access to Higher Education II. Paris/Liege: UNESCO/International Association of Universities*, 1965. (capítulo I, Brazil ; capítulo III, France).
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina : a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005
- ZAGO, N. “Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares”. *Revista brasileira de educação*, Campinas, v. 11, n. 32, p. 226-237, maio/ago. 2006.
- ZAGO, Nadir. “A condição do estudante: um estudo o acesso no ensino superior”. *XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Belo Horizonte, maio – jun, 2005.
- ZANDONÁ, Norma da L. F. *O espaço do contrapoder: o acesso à universidade pública e o perfil socioeconômico educacional dos candidatos ao vestibular da UFPR*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

## **Leis, Decretos, Pareceres e Documentos Oficiais**

BRASIL. Decreto nº 39 de 3 de setembro de 1934. Aprova os estatutos da Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.usp.br/leginf/criacao/decreto39.htm>. Acesso em 15 de dezembro de 2011.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010 Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm). Acesso em fevereiro de 2012.

DEPUTADO - Sandes Júnior e outro(s) Sr(s). Deputado(s). Proposta de Emenda Constitucional 42/2008. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227. (Dispõe sobre a proteção dos direitos econômicos, sociais e culturais da juventude). Disponível em: [http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p\\_cod\\_mate=88335](http://www.senado.gov.br/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=88335). Acesso em fevereiro de 2012.

SÃO PAULO. Decreto n.º 6.283 de 25 de janeiro de 1934. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. Disponível em <http://www.usp.br/leginf/criacao/decreto6283.htm>. Acesso em 10 de dezembro de 2011.

## **Anexo**



**Exemplo de tabela obtida pela Fuvest – ingressantes do ano de 2005**

Q20	1	2	3	4	5	6	7	8	9	(vazio)	Total geral
CAPITAL	4679	382	193	173	881	5	2		1	34	6350
<b>BIOLÓGICAS</b>											
<b>INTEGRAL</b>											
Abaixo de 17	4										4
17-18	365	31	7	9	41	2				2	457
19-21	361	21	10	10	37				1	2	442
22-25	55	2	1	2	5	1					66
Acima de 25	22	1	1		2						26
Não Informado	1										1
<b>MATUTINO</b>											
17-18	15	2			4						21
19-21	21		2		1						24
22-25	1										1
<b>NOTURNO</b>											
17-18	64	5	2		9					1	81
19-21	59	2	3		12						76
22-25	12	1	1								14
Acima de 25	6	3	1		2						12
<b>VESPERTINO</b>											
17-18	10	3									13
19-21	7	1									8
22-25	1										1
<b>EXATAS</b>											
<b>DIURNO</b>											
Abaixo de 17	1		1								2
17-18	114	15	9	5	12						155
19-21	76	8	2	2	13						101
22-25	21	1	2	1	3						28
Acima de 25	16	1									17
<b>INTEGRAL</b>											
Abaixo de 17	10				7						17
17-18	463	34	26	25	104	1				7	660
19-21	199	16	8	10	48					1	282
22-25	15	2		2	4						23
Acima de 25	12				1						13
Não Informado	1										1
<b>NOTURNO</b>											
Abaixo de 17	2		1		1						4
17-18	65	5	3		14						87
19-21	90	7	4	3	11	1				1	117
22-25	50	1	1	2	2						56
Acima de 25	66	6	2	2	9					1	86
<b>HUMANAS</b>											
<b>DIURNO</b>											
Abaixo de 17	1		1								2

17-18	124	4	4	6	33							171
19-21	101	7	3	4	16					1		132
22-25	19	5		3	2					1		30
Acima de 25	15	1	1	1	4							22
INTEGRAL												
Abaixo de 17	1											1
17-18	64	4	6	4	17							95
19-21	40	11	4	2	11							68
22-25	5	1	1	2	1							10
Acima de 25	3	1			2							6
MATUTINO												
Abaixo de 17	7				2							9
17-18	347	20	12	13	72		1			3		468
19-21	204	20	7	6	45					2		284
22-25	34	4		2	7					1		48
Acima de 25	51	6	2		8					1		68
NOTURNO												
Abaixo de 17	3	1										4
17-18	311	28	10	18	82					2		451
19-21	380	35	25	13	94					3		550
22-25	228	19	12	6	43					2		310
Acima de 25	235	20	9	7	48					1		320
Não Informado	1			1								2
VESPERTINO												
Abaixo de 17	1				1							2
17-18	167	17	4	4	33					1		226
19-21	92	7	1	4	11		1			1		117
22-25	15	1	3	1	4							24
Acima de 25	25	2	1	3	3							34
INTERIOR	1696	143	86	72	284	1	2		2	11		2297
BIOLÓGICAS												
DIURNO												
Abaixo de 17				1								1
17-18	29				5							34
19-21	14		1	2	2		1					20
22-25	4	1										5
INTEGRAL												
Abaixo de 17	5											5
17-18	303	29	11	12	52					4		411
19-21	190	21	10	5	23				1	3		253
22-25	26	1		1	5							33
Acima de 25	5				2							7
NOTURNO												
17-18	35	3	2	3	5							48
19-21	29	2	2	1	5	1						40
22-25	5	1			1							7
Acima de 25	1				1							2
VESPERTINO												

17-18	1				1						2
19-21	9		1		1						11
22-25	1	1									2
EXATAS											
DIURNO											
Abaixo de 17	2										2
17-18	74	5	4	1	14						98
19-21	40	5	3		6						54
22-25	4										4
Acima de 25	1										1
INTEGRAL											
Abaixo de 17	3										3
17-18	370	26	18	18	52				2		486
19-21	164	10	8	7	22		1				212
22-25	15	1	1		3						20
Acima de 25	6		2								8
NOTURNO											
Abaixo de 17	1										1
17-18	64	6	5	3	10						88
19-21	54	2	3	3	7						69
22-25	19	1	1	3	3				1		28
Acima de 25	12	1	1	1	1						16
Não Informado					1						1
HUMANAS											
DIURNO											
17-18	7	1	2		3				1		14
19-21	14			1	1						16
INTEGRAL											
17-18	9				4						13
19-21	11	2	1								14
22-25	1			1	1						3
NOTURNO											
Abaixo de 17	4				1						5
17-18	72	11	7	4	31						125
19-21	52	10	2	2	17				1		84
22-25	23	2	1	1	3						30
Acima de 25	17	1		2	1						21
LESTE	752	57	38	32	127	1	1	1		11	1020
BIOLÓGICAS											
VESPERTINO											
Abaixo de 17	3										3
17-18	56	2	1	2	9						70
19-21	49	2		1	10						62
22-25	15	1			1						17
Acima de 25	18	4	1	2	2						27
Não Informado			1								1
EXATAS											
MATUTINO											

Abaixo de 17					1						1
17-18	42	2	4	3	4	1				1	57
19-21	22				2						24
22-25	9				1						10
Acima de 25	23		1		4						28
NOTURNO											
Abaixo de 17				1							1
17-18	39	2	2		5					1	49
19-21	41	5	3	2	7						58
22-25	19	2	1	2	1					2	27
Acima de 25	32	1	2	2	7					1	45
HUMANAS											
MATUTINO											
Abaixo de 17	3										3
17-18	71	6	5	4	14					1	101
19-21	37	4	3	1	6					1	52
22-25	9	1		1	1						12
Acima de 25	14	2			1						17
Não Informado	1										1
NOTURNO											
17-18	54	7	2	2	10						75
19-21	47	3	4	3	12					1	70
22-25	26	2	3		4			1			36
Acima de 25	39	1	1	1	5					2	49
Não Informado	2										2
VESPERTINO											
Abaixo de 17					1						1
17-18	53	8	1	4	12		1			1	80
19-21	21	2	2	1	4						30
22-25	5		1		2						8
Acima de 25	2				1						3
Total geral	7127	582	317	277	1292	7	5	1	3	56	9667